

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MAX TÚLIO CALDEIRA DE OLIVEIRA

**O FUTURO DA VENEZUELA FRENTE À ATUAL CRISE POLÍTICA E
SOCIOECONÔMICA**

UBERLÂNDIA

2021

MAX TÚLIO CALDEIRA DE OLIVEIRA

**O FUTURO DA VENEZUELA FRENTE À ATUAL CRISE POLÍTICA E
SOCIOECONÔMICA**

Monografia submetida ao curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito obrigatório para a obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Armando Gallo Yahn Filho.

UBERLÂNDIA

2021

MAX TÚLIO CALDEIRA DE OLIVEIRA

**O FUTURO DA VENEZUELA FRENTE À ATUAL CRISE POLÍTICA E
SOCIOECONÔMICA**

Monografia submetida ao curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito obrigatório para a obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Armando Gallo Yahn Filho.

Uberlândia, 06 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Armando Gallo Yahn Filho
IERI - UFU

Prof. Haroldo Ramanzini Júnior
IERI - UFU

Filipe Almeida do Prado Mendonça
IERI - UFU

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares, professores, amigos e colegas que tornaram esta trajetória possível.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender quais foram as circunstâncias que levaram a República Bolivariana da Venezuela à atual crise política e socioeconômica que vem se arrastando desde o início do governo de Nicolás Maduro e, a partir disso, utilizando-se do Método de Cenários Prospectivos proposto por Michel Godet, construir quatro cenários para o futuro da crise em um horizonte temporal de dez anos (2021-2031). Este estudo possibilita o entendimento do panorama geral da Venezuela, por meio de uma revisão histórica dos últimos vinte anos, a definição dos atores de maior relevância no sistema em estudo, bem como seus objetivos e estratégias, e a identificação das variáveis-chave, consideradas essenciais para a evolução do sistema. A partir de uma análise de influência e dependência entre atores, e entre atores e variáveis, será possível prospectar um cenário de manutenção do *status quo*, de transição democrática, de mudança de regime, e um cenário de intervenção externa.

PALAVRAS-CHAVE: Venezuela. Crise. Cenários prospectivos. Método Godet.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand the circumstances that led the Bolivarian Republic of Venezuela to the current political and socioeconomic crisis that has been dragging on since the beginning of the government of Nicolás Maduro and, based on that, using the proposed Prospective Scenario Method by Michel Godet, to build four scenarios for the future of the crisis over a ten-year time horizon (2021-2031). This study allows the understanding of the general panorama of Venezuela, through a historical review of the last twenty years, the definition of the most relevant actors in the system under study, as well as its objectives and strategies, and the identification of the key variables, considered essential for the evolution of the system. From an analysis of influence and dependence between actors, and between actors and variables, it will be possible to prospect a scenario of maintaining the status quo, of democratic transition, of regime change, and of external intervention.

KEYWORDS: Venezuela. Crisis. Prospective scenarios. Godet method.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Influências e dependências diretas entre as variáveis.....	31
Gráfico 2 - Mapa de influências e dependências entre atores.....	33

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Matriz de influências diretas das variáveis.....	30
Quadro 2 - Matriz de influência dos atores sobre as variáveis.....	32
Quadro 3 - Matriz de influências diretas de atores sobre atores.....	33
Quadro 4 - Desafios estratégicos e objetivos associados.....	39
Quadro 5 - Atores em relação aos objetivos.....	40
Quadro 6 - Convergência e divergência entre os objetivos dos atores.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	HISTÓRICO E ATUAL CONTEXTO DA CRISE.....	12
3	ATORES.....	16
4	SEMENTES DE FUTURO	21
5	VARIÁVEIS	24
	5.1 Identificação das variáveis-chave	29
6	JOGO DE ATORES.....	31
	6.1 Identificação dos desafios estratégicos e objetivos associados	39
	6.2 Análise do jogo de atores.....	41
7	CENÁRIOS	42
	7.1 Manutenção do <i>status quo</i>	42
	7.2 Transição democrática sem intervenção externa.....	43
	7.3 Mudança de regime com incerteza de transição democrática e sem intervenção externa.....	44
	7.4 Intervenção externa	45
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
9	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A presente crise que a Venezuela vem passando desde o final do governo de Hugo Chávez e adentrando o atual governo de Nicolás Maduro, tem caráter político e socioeconômico. A economia venezuelana passa por uma severa recessão, com uma das maiores hiperinflações já vistas na história, além de repetidos resultados negativos do Produto Interno Bruto (PIB) e desemprego conjuntural¹ alarmante.

Desde o aprofundamento da crise no país, o ritmo de saída da população da Venezuela tem crescido muito rapidamente. Segundo a ACNUR (Agência das Nações Unidas para os Refugiados, 2019), de cerca de 700 mil no final de 2015, o número de venezuelanos que deixou o país já chegou a quatro milhões até meados de 2019. A maior parte destes refugiados tem como destino Colômbia, Peru, Chile, Equador, Brasil e Argentina. O povo venezuelano é agora o segundo mais deslocado do mundo, atrás apenas dos sírios, com mais de 5,6 milhões de refugiados.

A forte instabilidade política fez com que o presidente da Assembleia Nacional da Venezuela, Juan Guaidó se autoproclamasse como presidente interino do país em 23 de janeiro de 2019, em meio a um protesto contra o governo de Nicolás Maduro em Caracas. Guaidó é atualmente reconhecido como presidente por mais de 50 países, incluindo Brasil, Estados Unidos e boa parte dos países europeus. Essas instabilidades, no entanto, parecem estar bem longe do fim. Maduro permanece firme no poder apoiado pelas forças armadas, classificando a tensão como uma tentativa de golpe dos Estados Unidos, com a oposição tentando desestabilizar seu governo (RUIC, 2019).

O presente trabalho propõe o seguinte problema: quais são os fatores que levaram a Venezuela a atual crise política e socioeconômica, e quais são os possíveis cenários para o futuro do país baseados nos eventos recentes? A crise é resultante das políticas populistas do governo Chávez, e a conhecida Revolução Bolivariana, com políticas de controle de preços e do câmbio, nacionalização de empresas, controle governamental da distribuição de alimentos, além da corrupção, do clientelismo e da simples incompetência. Esta crise intensificou-se ainda mais no governo de Maduro com a queda dos preços internacionais do petróleo e sua incapacidade de controlar a crise (FRIEDMAN, 2017).

¹ O desemprego conjuntural ou cíclico ocorre geralmente durante uma recessão econômica, na qual os indivíduos perdem seus postos de trabalho temporariamente (THE ECONOMIST, 2014).

Nesta pesquisa, o sistema em estudo é o da Venezuela e a crise que vem atingindo o país há alguns anos, tendo como objetivo a cenarização, por meio do Método de Godet, do desenrolar desta crise em um horizonte temporal de 10 anos (2021-2031). As variáveis que compõem o sistema serão apresentadas no ponto 5, e quanto aos atores, serão trabalhados com todos aqueles que sejam motores das referidas variáveis e, portanto, acabam sendo justamente aqueles que participam de alguma forma na crise.

Desta forma, a partir dos eventos recentes ocorridos no país, pode-se prever, com base no método de cenários prospectivos de Michel Godet, quatro cenários distintos: Maduro continua no poder e a crise se agrava; Maduro e Guaidó deixam o poder, iniciando uma transição democrática; os militares ou outro líder chavista assume o poder; uma intervenção militar externa ocorre, com a saída de Maduro, gerando uma tensão entre os países favoráveis e contrários a ele.

De acordo com Godet (apud MARCIAL; GRUMBACH, 2005, p.29) cenário é “o conjunto formado pela descrição coerente de uma situação futura e pelo encaminhamento dos acontecimentos que permitem passar da situação de origem à situação futura”. O método de Godet, segundo Ribeiro (1997), consiste na identificação e projeção das variáveis-chave de cenários e dos atores associados a estas variáveis.

Para Ribeiro (1997), a interação e as relações de dependência e influência entre os atores e as variáveis são os geradores da dinâmica em direção aos futuros possíveis. A descrição dos cenários em estudo baseia-se na mais provável das evoluções das variáveis-chave e das hipóteses relativas ao comportamento dos atores. O método de cenários de Godet divide-se essencialmente em três etapas: construção da base analítica e histórica, exploração do campo das possíveis evoluções e a elaboração dos cenários.

A primeira etapa consiste na representação do presente estado do problema em análise, incluindo a identificação das variáveis-chave e do conjunto de atores. É nesta etapa em que as variáveis são definidas, classificadas e seu relacionamento analisado e estabelecido por meio de uma matriz, a qual ajuda a classificar as variáveis segundo sua influência e dependência em relação a outras variáveis. Quanto aos atores, serão analisadas suas evoluções no horizonte dos cenários estudados, podendo ser classificados como invariantes, tendências de peso (que afetarão as variáveis por longo período) e fatos portadores de futuro (minimamente perceptíveis no presente, mas que podem virar tendências de peso e tornarem-se relevantes no futuro). Por fim, faz-se a análise da relação dos atores com as variáveis-chave (RIBEIRO, 1997).

De acordo com Ribeiro (1997), na segunda etapa do método de Godet é realizada uma análise morfológica das variáveis e dos fatos portadores de futuro mais importantes que, por conseguinte, podem chegar a um determinado número de cenários potenciais. Faz-se uma relação das combinações e possibilidades destes estados futuros, analisando possíveis restrições e incompatibilidades, com objetivo de relacionar somente os conjuntos de estados futuros realizáveis. Com base nesta relação, constroem-se as combinações de maior contraste, para que passem por uma etapa de análise de probabilidade.

Finalmente, partindo-se dos conjuntos de combinações selecionados na etapa precedente, constrói-se o cenário de referência, baseado na reunião dos conjuntos com maior probabilidade de ocorrência, além da construção de pelo menos um cenário contrastado, diferente do cenário de referência. Para cada cenário designado deve-se elaborar uma narrativa sucessiva, iniciando com a situação atual até chegar à visão de futuro determinada pelo cenário escolhido, enfatizando as rupturas e mudanças que aparecerão em cada cenário, além da descrição de um caminho que conduza da atual situação para a desejada (GODET et al, 2008).

2 HISTÓRICO E ATUAL CONTEXTO DA CRISE

Com uma campanha fortemente apoiada sobre o combate à pobreza, em dezembro de 1998, Hugo Chávez é eleito presidente da Venezuela com 56,2% dos votos. Assume o poder em fevereiro de 1999, marcando assim o fim dos quarenta anos do *Pacto de Punto Fijo*². O aumento dos preços do petróleo no início dos anos 2000 levou a uma escalada na quantidade de investimentos nunca antes vistos na Venezuela desde os anos 1980. Com a intenção de manter o poder político através de programas sociais, Chávez estabeleceu as Missões Bolivarianas, destinadas a fornecer serviços públicos para melhorar as condições econômicas, culturais e sociais do país (STRATFOR, 2016). Como consequência, a pobreza foi reduzida em mais de 20% entre 2002 e 2008. As Missões foram responsáveis pela construção de

² Segundo Villa (2005), o *Pacto de Punto Fijo* foi um acordo populista de conciliação de elites, estabelecido entre três partidos políticos venezuelanos, que “reconheceu que a existência de diversos partidos e as naturais divergências entre estes podiam ser canalizadas no marco das pautas de convivência e [no reconhecimento] de que existiam interesses comuns na sobrevivência do sistema” (VILLA apud ROMERO, 1989, p. 25). O objetivo do pacto era alcançar a sustentabilidade da democracia recentemente estabelecida, através da participação equitativa de todos os partidos no gabinete executivo do partido vencedor, excluindo o Partido Comunista da Venezuela e os setores relacionados com a derrubada da ditadura de Marcos Pérez Jiménez.

milhares de clínicas médicas gratuitas para os mais pobres, a distribuição de alimentos e subsídios de habitação (TARVER et al, 2018).

“[...] o presidente começou a fortalecer seu eleitorado por meio de uma série de *misiones* (missões) ou programas, supostamente criados para erradicar a pobreza e o analfabetismo na Venezuela. A maioria das missões fazia parte de um programa de intercâmbio de educação/medicina por petróleo com Cuba e é considerado um meio dissimulado de espalhar o socialismo pela oposição” (TARVER et al., 2005, p. 154, tradução do autor).

Embora o chavismo não tenha alterado, de forma significativa, a estrutura produtiva da Venezuela, que permaneceu estreitamente dependente das exportações do petróleo, Chávez colocou fim às arcaicas estruturas sociais e políticas da Venezuela, bem como a política externa de alinhamento automático aos EUA. A desigualdade, medida pelo índice de Gini, foi reduzida em 54%. A pobreza despencou de 70,8%, em 1996, para 21%, em 2010, e a extrema pobreza caiu de 40%, em 1996, para 7,3%, em 2010 (TARVER et al, 2018).

Segundo Tarver et al (2018), na Venezuela pós-chavismo, a desnutrição era de apenas 5%, e a desnutrição infantil de 2,9%. Após o chavismo, a Venezuela tornou-se o segundo país da América Latina (atrás apenas de Cuba), e o quinto do mundo com maior proporção de estudantes universitários.

Em relação à saúde pública, é preciso ressaltar que a mortalidade infantil diminuiu de 25 por mil, em 1990, para apenas 13 por mil, em 2010. Em 1998, havia 18 médicos por 10.000 habitantes, número que saltou para 58 em 2010. Os governos anteriores ao de Chávez construíram 5.081 clínicas ao longo de quatro décadas, enquanto que, em apenas 13 anos, o governo bolivariano construiu 13.721, um aumento de 169,6%. Esses amplos e inegáveis avanços sociais fizeram da Venezuela um modelo de cumprimento dos Objetivos do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU) (TARVER et al, 2018).

No campo da política externa, Chávez rompeu com o paradigma anterior de país periférico e dependente e investiu na integração regional e no eixo estratégico da geopolítica Sul-Sul, com destaque para as relações bilaterais com o Brasil, o que acabou conduzindo à adesão da Venezuela como membro pleno do Mercosul em 2012. A Venezuela de Chávez tornou-se uma grande parceira do Brasil, comprando vorazmente seus produtos e recompensando-os com elevados superávits comerciais e com forte apoio político à integração

do subcontinente. Ademais, “Chávez estabeleceu relações próximas com Rússia, China e Cuba e passou a apoiar experiências políticas que divergiam da ordem mundial dominada pelos interesses dos EUA” (TARVER et al, 2018, p. 167, tradução do autor). Em contraste com o isolacionismo anterior, Chávez fundou a ALBA (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América) e criou a Petrocaribe, objetivando fornecer petróleo a preços convidativos para os países caribenhos.

Um relatório da OEA (Organização dos Estados Americanos) de 2010 indicou avanços no combate ao analfabetismo, melhorias na saúde e diminuição da pobreza, além da aceleração econômica. A qualidade de vida dos venezuelanos também melhorou de acordo com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Segundo Tarver et al. (2018), a popularidade de Chávez dependia especialmente da classe mais pobre do país que se beneficiava destas iniciativas na área da saúde e educação. No entanto, a partir de 2010 a Venezuela começou a enfrentar dificuldades devido a estas políticas populistas, que incluíam o controle de preços, para que produtos básicos se tornassem mais acessíveis para os pobres, o que levou muitas empresas a pararem de fabricá-los por não serem mais lucrativos. Havia também um controle de moeda estrangeira, que mais tarde desencadearia um florescente mercado negro de dólares.

As obras sociais iniciadas pelo governo de Chávez estavam sempre apoiadas sobre o petróleo, a pedra angular da economia venezuelana, e que, segundo Corrales (2013) fez com que o país sofresse de um dos piores casos já vistos de doença holandesa³. No início dos anos 2010, as medidas econômicas tomadas pelo governo de Chávez durante a década anterior, como o gasto excessivo e controles de preços, provaram ser insustentáveis. A economia da Venezuela encolheu enquanto a pobreza, a inflação e a escassez aumentaram.

Após a morte de Chávez em março de 2013, novas eleições são convocadas e seu vice, Nicolás Maduro é eleito presidente. Maduro continuou com a maior parte das políticas

³ Para Bresser-Pereira, “a doença holandesa ou maldição dos recursos naturais é a sobreapreciação crônica da taxa de câmbio de um país causada por este para explorar recursos naturais abundantes e baratos, cuja produção comercial é compatível com uma taxa de câmbio claramente menor do que a taxa de câmbio média que viabiliza setores econômicos de bens comercializáveis que utilizam tecnologia no estado da arte” (BRESSER-PEREIRA, 2010, p. 123). Portanto, a doença holandesa ocorre quando um país que é excessivamente dependente das exportações de commodities experimenta um *boom* de preços. A entrada repentina de moeda estrangeira aumenta a demanda por moeda local, gerando uma taxa de câmbio não competitiva. Essa taxa de câmbio sobrevalorizada, se não tratada, pode acabar com as outras exportações do país, além de estimular uma avalanche de importações, o que pode prejudicar os produtores domésticos.

econômicas de Chávez. Ao entrar na presidência, sua administração enfrentou uma alta taxa de inflação e uma grande escassez de bens, problemas remanescentes das políticas de Chávez. Além da queda dos preços do petróleo, Maduro culpou a especulação capitalista por elevar as taxas de inflação e criar escassez generalizada de produtos para necessidades básicas. Ele disse que estava enfrentando uma “guerra econômica”, referindo-se a medidas econômicas recém-promulgadas como “ofensivas econômicas” contra opositores políticos, que ele e seus seguidores estariam sendo vítimas de uma conspiração econômica internacional (TARVER et al., 2018).

O país entra em recessão econômica a partir de 2014, e em 2016, a taxa de inflação atinge a marca recorde de 800%, a mais alta de sua história até então. Em dezembro deste mesmo ano, a Venezuela é suspensa do Mercosul, por alegações de ruptura da ordem democrática (PONS, 2017). Segundo dados oficiais divulgados pelo Banco Central da Venezuela, a inflação em 2018 ficou em 130.060%, enquanto o FMI (Fundo Monetário Internacional) e a Assembleia Nacional afirmam que esta inflação ultrapassou os 1.000.000%. Em 2019, a inflação recuou e foi a 9.585%, segundo o mesmo relatório oficial divulgado recentemente. Este recuo se deve principalmente às medidas de Maduro contra a hiperinflação, como redução do gasto público, redução total do crédito, além de outros fatores como a dolarização informal. Segundo o FMI, a Venezuela já perdeu cerca de dois terços de seu PIB (Produto Interno Bruto), nos últimos seis anos de crise (SINGER, 2020).

A crise econômica da Venezuela possui dois aspectos muito claros: um natural e outro artificial. O natural tange ao fato óbvio de que a economia venezuelana, apesar dos esforços do chavismo para diversificá-la, ainda é muito dependente das exportações do petróleo e tem agricultura e indústria muito incipientes. A arrecadação tributária da Venezuela é muito baixa, apenas 13,5% do PIB, muito abaixo da brasileira, por exemplo, que está em torno de 35% do PIB. Assim, o gasto público depende estreitamente da renda petroleira (CEBRI, 2019).

Com a grande queda dos preços do petróleo a partir de 2012, a economia da Venezuela passou enfrentar dificuldades reais graves, particularmente problemas cambiais. Entretanto, há também aspectos artificialmente induzidos na crise econômica venezuelana. Há uma guerra econômica em curso. Entre os instrumentos utilizados dessa guerra econômica estão o desabastecimento programado de bens essenciais, a inflação induzida, o boicote a bens de primeira necessidade, o embargo comercial disfarçado e o bloqueio financeiro internacional (CEBRI, 2019).

Desde janeiro de 2019 a Venezuela passa por uma crise presidencial, onde a legitimidade da reeleição de Maduro é questionada, sendo rejeitada por diferentes

organizações e governos nacionais. A Assembleia Nacional da Venezuela promoveu Juan Guaidó como presidente interino do país em 23 de janeiro de 2019 e desde então, lidera protestos contra a posse de Maduro (BBC, 2019). Diferentemente dos Estados Unidos, Brasil, Argentina, Colômbia e vários países europeus que reconhecem Guaidó como presidente interino, Rússia, China e Turquia estão entre os que ainda apoiam o regime de Maduro pelo fato de possuírem diversos interesses, desde investimentos a influência continental (GOZZER, 2019).

No entanto, a popularidade de Guaidó vem declinando rapidamente entre os venezuelanos que o apoiam, e uma amostra disso pode ser percebida nas manifestações contrárias à Maduro, que estão cada vez menores e mais esporádicas. Isto é resultado de esforços demasiadamente vacilantes por parte de Guaidó na luta pela deposição de Maduro, além da falta de ação e proposta de uma estratégia que possa mudar o atual status quo. Em uma pesquisa realizada pela *Datanalisis*, a aprovação do presidente autoproclamado passou de 63% no início de 2019 para 42% no final do ano (BERWICK; NAVA, 2019).

Em março de 2020, o Departamento de Estado dos EUA ofereceu a recompensa de 15 milhões de dólares por informações que levem à prisão de Nicolás Maduro e 10 milhões de dólares cada por outros membros relacionados a seu governo. Os Estados Unidos acusam Maduro por crimes relacionados ao tráfico internacional de drogas e narcoterrorismo (GUIMÓN; MANETTO, 2020).

Em maio de 2020, oito ex-soldados venezuelanos foram mortos e dezessete rebeldes foram capturados, incluindo dois contratados de segurança americanos, depois que aproximadamente 60 homens desembarcaram em Macuto e tentaram invadir a Venezuela. Os membros da força de ataque naval foram contratados como empreiteiros militares privados pela Silvercorp USA. A fracassada operação teve como objetivo depor Maduro do poder. O governo americano nega qualquer envolvimento (PRESSLY, 2020).

3 ATORES

Para Marcial e Grumbach (2008), os atores são todos aqueles agentes que provocam alterações, mudanças no curso dos acontecimentos, interferindo no comportamento das variáveis. Nos estudos prospectivos, o mapeamento e análise de seu comportamento passado, bem como suas estratégias, são de extrema importância. Seriam então os cenários o resultado das possíveis alternativas na direção da história.

Desta forma, visando a análise de prospecção dos cenários abordados neste estudo, serão considerados oito atores principais. Serão discutidos aqui, além da Venezuela, os atores internacionais de influência direta na dinâmica dos cenários e atores internacionais próximos, como parceiros econômicos, que não possuem tanta influência direta sobre a questão, mas que apresentam ser de grande relevância para o desdobramento, positivo ou negativo, da crise venezuelana.

A Venezuela (A1), epicentro da crise, uma nação rica em petróleo que já foi uma das mais prósperas da América Latina, mas mergulhou em turbulências políticas e econômicas à medida que os preços do petróleo despencavam, empresas eram nacionalizadas, fábricas fechavam e a corrupção se espalhava descontroladamente. Muitos venezuelanos, de fato, culpam as políticas chavistas, em curso desde 1999, enquanto outros atribuem a crise às forças imperialistas, como os Estados Unidos e a vizinha Colômbia (BBC, 2019).

Atualmente, já somam mais de 50 os países que reconhecem Guaidó como ocupante da cadeira da presidência venezuelana, entre eles o Brasil, EUA, Espanha, França, Argentina, Chile, Dinamarca, Colômbia, Peru e Equador. Por outro lado, China, Rússia, Cuba, Irã, Bolívia e México são alguns dos que declaram apoio a Maduro. O apoio destes países é muito importante para a sobrevivência do governo, que apesar de enfraquecido, segue firme no poder, respaldado pelas Forças Armadas e pela maior parte da população. Para além dos interesses políticos, ideológicos e de influência continental, muitos dos países que apoiam o governo Maduro são também seus credores e, naturalmente, esperam que o presidente cumpra com seus contratos (CORAZZA; MESQUITA, 2019).

As relações entre Estados Unidos (A2) e Venezuela, especialmente o comércio e investimentos, foram fortes sob os governos anteriores ao de Chávez. No entanto, as tensões aumentaram depois que Hugo Chávez assumiu o cargo de presidente em 1999, com seu discurso contrário ao imperialismo norte-americano. As tensões entre os países aumentaram depois que a Venezuela acusou o governo de George W. Bush de apoiar a tentativa fracassada de golpe contra Chávez em 2002. As relações ficaram ainda mais tensas quando o país expulsou o embaixador dos EUA em setembro de 2008 em solidariedade à Bolívia, depois que este foi acusado de cooperar com violentos grupos antigovernamentais no país. Sob a administração Obama, em 2015, o então presidente impôs sanções a vários funcionários venezuelanos que estavam supostamente ligados a violações de direitos humanos e corrupção política, declarando a Venezuela como uma ameaça à segurança nacional (TARVER et al., 2018).

Em 2018, o presidente Donald Trump assinou uma ordem que impede os cidadãos dos EUA e indivíduos dentro do território americano de negociar com qualquer tipo de moeda digital emitida por, para ou em nome do governo da Venezuela, além da proibição da compra de bônus da estatal petroléira *Petróleos de Venezuela* (PDVSA). A ordem executiva de Trump se refere ao Petro e proíbe todas as transações relacionadas ao mesmo. Após a reeleição de Maduro, mais sanções foram impostas como a limitação da venda de dívida e ativos públicos do governo venezuelano em território americano (RODRIGUES, 2018). As relações dos dois países se estreitaram em janeiro de 2019, quando Juan Guaidó se autoproclamou presidente da Venezuela, aumentando a pressão pela destituição do cargo de Nicolás Maduro, que segue com diversas penalizações por parte do governo americano (US DEPT. OF STATE, 2020).

Muito além de petróleo e outros recursos naturais, os interesses dos EUA na Venezuela incluem a necessidade de manter a presença de países como Rússia e China – de ideologias fortemente arraigadas no socialismo – longe de seu “quintal”, a América Latina. Além disso, a necessidade dos EUA em manter o controle do mercado internacional de petróleo, faz com que queiram o desmantelamento da Petrocaribe, iniciativa venezuelana que oferece condições diferenciadas na venda da commodity a países caribenhos (BRASIL DE FATO, 2019).

As relações entre Brasil (A3) e Venezuela, especialmente nos anos de governo petista, foram muito próximas. Chávez e Lula da Silva eram amigos e compartilhavam ideologias semelhantes, além do fato de que ambos se visitavam com frequência em seus respectivos países (AZEVEDO, 2007). Entre 2002 e 2010, o comércio entre os dois países aumentou mais de 227%, saltando de US\$ 1,43 bilhão em 2002, para US\$ 4,68 bilhões em 2010 (GIRALDI, 2011). Fortemente apoiado pelo Brasil, o Protocolo de Adesão da Venezuela ao Mercosul é assinado em 2006, entrando em vigor em 2012, já ao final do governo de Hugo Chávez (MDIC, 2020).

O impeachment de Dilma Rousseff em 2016 foi considerado um golpe de Estado por Maduro, que não reconheceu a legitimidade do governo de Michel Temer, dando início a uma crise entre os dois países que se agravaria após a decisão de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai de suspender a Venezuela do Mercosul em agosto de 2017 (BAZZO; FRANCO, 2017). A eleição de Jair Bolsonaro em 2018, e o posterior reconhecimento de Juan Guaidó como presidente em exercício, causou um distanciamento político e econômico entre os dois países. Maduro criticou duramente a Bolsonaro, e inclusive chegou a fazer ameaças militares ao Brasil. Apesar dos laços diplomáticos fortemente rompidos e o fato de muitas empresas

brasileiras terem retirado seus investimentos da Venezuela, ainda existe um enfraquecido comércio entre os dois (AFP, 2020).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, é iniciada uma disputada ideológica entre as duas grandes potências da época: EUA e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Para enfrentar o poder e a influência dos americanos, a URSS passou a se aproximar de diversos países do continente americano, como Cuba e Venezuela. O regime soviético ofereceu apoio militar e investimentos econômicos a esses governos para deter o “imperialismo ianque” na região. Atualmente, a Rússia (A4) investe grandes somas de dinheiro para apoiar o governo de Nicolás Maduro, tendo a Venezuela forte destaque na mídia russa (LISSARDY, 2019).

Com a queda da produção de petróleo e a recessão que já se iniciava na Venezuela, a Rússia viu sua grande oportunidade de comprar ativos da indústria petrolífera do país a preços baixos. Estima-se que a Rússia já tenha investido cerca de 17 bilhões de dólares na Venezuela e, caso Guaidó seja proclamado presidente, haveria uma mudança nas políticas e alianças do país. O presidente Vladimir Putin não seria mais considerado um aliado e o governo russo teria muito mais dificuldade em recuperar os créditos e investimentos feitos em território venezuelano. É por essas e outras razões que o governo russo se opõe ao Plano de Transição Democrática do Departamento de Estado dos EUA, preferindo um estado cliente e devedor do governo de Maduro ao futuro incerto de uma Venezuela democrática e livre (GOZZER, 2019).

Os estreitos laços que hoje existem entre China (A5) e Venezuela começaram a ser construídos no início da década de 2000, quando os interesses de ambos estavam alinhados. Uma vez no poder, Hugo Chávez tenta diversificar os países para os quais exportava petróleo, sua principal fonte de riqueza. A China, que vivia um período de crescimento econômico após sua abertura na década de 1980, começa a buscar novas fontes de recursos para atender a demanda de sua vasta população. A essa altura, a China já era um dos maiores importadores de petróleo, então a relação parecia destinada a acontecer. Entre 2007 a 2018, a China emprestou mais de 67 bilhões de dólares à Venezuela, consolidando-se como maior credor do país latino-americano. Estima-se que a Venezuela ainda deva pelo menos 20 bilhões de dólares à China, o que causa apreensão aos chineses no caso de uma troca de governo (GIL, 2019).

Outro entre os interesses da China está no quadro geopolítico global. Desde que assumiu o poder em 2013, o presidente Xi Jinping tem promovido a expansão da influência chinesa na América Latina e sua estratégia é vista por alguns especialistas como uma tentativa

de contrabalançar a influência norte-americana na região. Xi tem tentado projetar o *soft power* chinês em todas as partes do mundo e tem dado especial interesse à América do Sul, por ser o “quintal” dos EUA, sendo esta uma forma de intimidar os americanos (GIL, 2019).

As relações entre Colômbia (A6) e Venezuela têm sido muito conturbadas desde o início do século passado. O contrabando de produtos ilícitos, veículos roubados e gasolina são fortes na região da fronteira entre os dois países. Entre os anos de 2002 e 2010, as relações ficaram ainda mais complicadas devido às divergências ideológicas de seus presidentes, Álvaro Uribe e Hugo Chávez, com uma tensão especialmente grave em 2007, devido a uma fracassada troca humanitária de prisioneiros do exército e da guerrilha colombiana, incorrendo no congelamento de suas relações bilaterais (SEMANA, 2019).

Em julho de 2010, as relações diplomáticas foram rompidas quando os presidentes entraram em uma briga pela suposta presença de guerrilheiros colombianos na fronteira com a Venezuela. No entanto, em agosto do mesmo ano, com eleição de Juan Manuel Santos como presidente da Colômbia, os dois países anunciam seu reatamento diplomático. Em 2015, a situação dos dois países foi particularmente tensa e diplomatas de ambos os lados foram chamados para consultas. O gatilho foi a suposta presença de paramilitares colombianos na Venezuela, o que levou ao fechamento por tempo indeterminado da fronteira com a Colômbia em Táchira. Ao longo do ano a medida foi estendida a outros estados venezuelanos. Maduro ordenou a deportação em massa de cidadãos colombianos e o então presidente Juan Manuel Santos condenou os ataques e perseguições por autoridades vizinhas contra civis nacionais. O ponto mais grave das tensões foi vivido com os relatos de casos de marcação de residências colombianas e sua posterior destruição pelas autoridades venezuelanas (SEMANA, 2019).

No ano de 2018, em um pronunciamento, Maduro sofreu um atentado com a explosão de dois drones perto de onde estava. Maduro acusou a extrema-direita venezuelana e o presidente colombiano de orquestrarem o ataque (AFP, 2018). Maduro novamente rompe as relações com a Colômbia em 2019, quando o governo de Iván Duque reconhece Juan Guaidó como legítimo presidente do país vizinho, apoiando os EUA em sua causa pela retirada de Maduro do poder. Dos 4,9 milhões de venezuelanos que fugiram do país desde 2015, 1,7 milhão deles estão na Colômbia, segundo a ONU (AFP, 2020).

Apesar de seu afastamento geográfico, Irã (A7) e Venezuela tem mantido laços muito estreitos nos últimos anos, e é um dos países que atualmente apoia abertamente o governo Maduro. Estes laços foram estabelecidos entre Hugo Chávez e o ex-presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad, com seus sucessores seguindo os mesmos passos de seus

antecessores na manutenção da parceria. Uma das estratégias do Irã em apoiar a Venezuela é devido ao fato de serem contra tudo que os EUA são a favor (GOZZER, 2019).

As dificuldades econômicas do governo de Nicolás Maduro, agravadas pelos efeitos das sanções americanas, o levaram a intensificar seu relacionamento com o Irã, também sancionado e menos temeroso do impacto das medidas que vem tratando há anos. A colaboração iraniana tem sido fundamental para superar o recente agravamento da escassez de gasolina na Venezuela e, driblando as sanções norte-americanas, em maio e setembro de 2020, navios carregados com combustível do Irã foram descarregados na Venezuela (ZERPA, 2020).

O Irã também tem abastecido a Venezuela com alimentos, por meio da abertura do primeiro supermercado iraniano da América Latina na Venezuela, e material médico para apoiar o país na luta contra a Covid-19. Tais ações mostram como os dois países mantêm pulso firme contra as medidas do governo americano sobre ambos (SINGER, 2020).

Os laços de entre Cuba (A8) e Venezuela se estreitaram a partir de 1999, durante a presidência de Hugo Chávez, formando uma importante aliança com o presidente cubano Fidel Castro, o qual possuía convergências ideológicas com o presidente venezuelano. Uma relação comercial significativa foi estabelecida com Cuba, baseada principalmente no petróleo. A Venezuela fornecia petróleo a Cuba a preços bem abaixo do valor comercial, em troca de serviços profissionais de médicos, paramédicos, professores, operários e outros técnicos cubanos (SCHARFENBERG; LAFUENTE, 2016).

Principal parceiro comercial de Cuba atualmente, estima-se que a Venezuela enviava mais de 100 mil barris de petróleo diariamente a Cuba em 2012. Variadas fontes afirmam que o governo de cubano tem interferido politicamente em diversas áreas chave do governo venezuelano, como órgãos de inteligência, polícia e forças armadas. Assim como a Venezuela, Cuba sofre com o bloqueio econômico e comercial pelos EUA desde 1962, motivo a mais que levou os dois países a manterem sua aliança ideológica anti-imperialista (BERMÚDEZ, 2019).

4 SEMENTES DE FUTURO

Esta seção tem como propósito definir as sementes de futuro, identificá-las e utilizá-las como objeto de gestão. Godet (2006) apresenta os termos *seed events* e *weak signals*, que seriam fatores de mudança pouco perceptíveis no presente, mas que constituirão as tendências ou megatendências no futuro. Para Marcial e Grumbach (2008), as sementes de futuro seriam

pequenos fatos ou sinais do passado e no presente, e que podem ou não sinalizar possibilidades de futuro. Portanto, as sementes de futuro possibilitam a projeção de possibilidades de futuros mais sólidas e, sendo assim, busca-se discriminar nesse tópico as sementes de futuro mais relevantes quanto à projeção de cenários prospectivos referentes à crise venezuelana.

A primeira das sementes de futuro descritas por Marcial e Grumbach (2008) são as tendências de peso. “As tendências de peso foram definidas por Godet e referem-se àqueles eventos cuja perspectiva de direção é suficientemente consolidada e visível para se admitir sua permanência no período considerado.” (MARCIAL; GRUMBACH, 2008, p.59). Desse modo, uma forte tendência de peso é o interesse hegemônico de países, sejam eles apoiadores ou não do regime de Maduro, pelo mercado petrolífero venezuelano. Como é possível perceber, estes interesses já foram e ainda serão responsáveis pelo agravamento da crise vivida pelo país. As eleições parlamentares da Venezuela em dezembro de 2020, apesar de terem sido classificadas como fraudulentas pela oposição e pela comunidade internacional, constituem-se como outra tendência de peso, uma vez que a vitória chavista sobre 91% dos assentos indica uma provável manutenção do *status quo* por um longo período de tempo (O GLOBO, 2020).

“Os elementos predeterminados também foram definidos por Godet e referem-se àqueles eventos já conhecidos e certos, cuja solução ou controle pelo sistema ainda não se efetivou” (MARCIAL; GRUMBACH, 2008, p.59). Portanto, a urgente mudança de rumo da base econômica venezuelana para uma economia mais aberta e diversificada constitui-se como fato preterdeterminado. Ela é necessária e deve ocorrer nos próximos anos, porém ainda não se sabe como e em que circunstâncias se dará. O impacto das sanções norte-americanas ao país também se constitui como fato preterdeterminado, pois elas certamente contribuem para o agravamento da crise, porém não se sabe precisar o tamanho deste impacto, nem se, com a chegada de um novo governante na Casa Branca, estas sanções serão endurecidas ou aliviadas.

“Os fatos portadores de futuro também foram definidos por Godet, e constituem-se em sinais ínfimos, por sua dimensão presente, existentes no ambiente, mas imensos por suas consequências e potencialidades” (MARCIAL; GRUMBACH, 2008, p.59). Um dos fatos portadores de futuro diz respeito à grande aproximação do Irã ao país sul-americano, bem como a presença cada vez mais forte de China e Rússia na região, o que faz com que países como os EUA fiquem em constante estado de alerta. Do outro lado, o afastamento da Venezuela em relação a seus países vizinhos, como Brasil e Colômbia, também se constitui

como fato portador de futuro. Pode-se citar também a guinada da direita política em escala global e seus ideais totalmente opostos aos de Maduro. A vitória de Joe Biden sobre Donald Trump nos Estados Unidos também se constitui como fato portador de futuro. Apesar de terem visões relativamente convergentes sobre a questão venezuelana, o democrata Joe Biden e o republicano Donald Trump possuem suas particularidades, como por exemplo, em relação a prática de uma política externa mais agressiva, ao endurecimento das sanções e o Status de Proteção Temporária (TPS) que determina que pessoas de países especificados como “afetados por desastres” possam trabalhar nos EUA legalmente, o qual Biden é a favor. Embora possam seguir caminhos ligeiramente diferentes, o objetivo é o mesmo: provocar uma mudança política na Venezuela (SONNELAND, 2020).

“Definidas por Schwartz, as incertezas críticas constituem-se naquelas variáveis incertas que são de grande importância para a questão principal. Pode-se dizer que se constituem naqueles fatos portadores de futuro mais importantes de maior grau de incerteza para a questão principal” (MARCIAL; GRUMBACH, 2008, p.60). As atuais políticas econômicas de Maduro como a revogação do controle cambial, fim do controle de preços e incentivo ao uso do dólar para transações, constituem-se como uma forte incerteza crítica e, apesar de apontarem para uma aparente “melhora” na economia, ainda que um novo governante assuma democraticamente a direção do governo, é possível que o país ainda tenha de lutar por décadas para conseguir sair da situação em que se encontra. Outra incerteza crítica vem de países como a Rússia e a China, maiores credores da Venezuela atualmente, que esperam receber o pagamento de seus empréstimos. Uma possível mudança de governo ou mesmo a manutenção do mesmo, não garante que estes países receberão seu pagamento de acordo.

As surpresas inevitáveis “são forças previsíveis, pois têm suas raízes em forças que já estão em operação neste momento, mas não se sabe quando irão se configurar nem podemos conhecer previamente suas consequências e como nos afetarão” (MARCIAL; GRUMBACH, 2008, p.60). A queda de Maduro é uma surpresa inevitável, pois ela certamente se dará em algum momento futuro, mas é difícil precisar quando e como ocorrerá.

Os coringas (ou *wild cards*) se referem a grandes surpresas, as quais são de difícil previsão e por isso possuem pequena probabilidade de ocorrência, mas caso venham a acontecer, são de grande impacto, uma vez que atinge os envolvidos de forma inesperada (MARCIAL; GRUMBACH, 2008). O Grupo de Lima - composto por representantes de 14 países das Américas, entre eles Brasil, Argentina, Colômbia, México e Canadá, cujo objetivo é tentar achar meios de contribuir com a estabilização da Venezuela – se posicionam

favoráveis a uma ação militar no país e, juntamente aos EUA (que não é membro, mas participa das reuniões) se articulam para uma retirada militar de Maduro do poder. Este seria um coringa, difícil de prever e pouco provável de ocorrer, mas de grande potencial transformador.

5 VARIÁVEIS

As variáveis representam aspectos ou elementos relevantes no sistema tendo em vista o objetivo do cenário em questão. De acordo com Godet et al (2008) esta é a etapa onde se define e se classifica as variáveis e, por meio de uma matriz, analisa-se o relacionamento entre elas. Esta matriz ajuda na classificação das variáveis de acordo com sua influência nos cenários, bem como sua dependência de outras variáveis. Nesta análise, os autores sugerem que se analise tanto as relações indiretas e potenciais, quanto as relações diretas.

Como produto mais importante da pauta de exportação da Venezuela, **as flutuações do preço global do petróleo (X1)** influenciam fortemente os acontecimentos no país. Ademais, o país possui as maiores reservas de petróleo do mundo e sua economia pouco diversificada o torna bastante dependente da venda desta commodity, levando-os a acompanharem com atenção tudo o que pode impactar positivamente ou negativamente no preço deste produto. Desde meados de 2012, os preços internacionais do petróleo bruto despencaram, saindo de 124,93 dólares o barril em março de 2012, para 30,80 dólares em janeiro de 2016 e, com o advento da pandemia de coronavírus, atingiu 23,34 dólares o barril em abril de 2020, a menor mínima histórica dos últimos 18 anos. Desde então, os preços do petróleo nunca voltaram ao patamar anterior a 2012 (INDEX MUNDI, 2020).

Uma nova crise política se inicia com o **resultado das eleições parlamentares da Venezuela (X2)**, que foi amplamente contestado e rechaçado pela oposição e pela comunidade internacional, sendo classificada como fraudulenta, injusta e ilegítima. Os chavistas agora ocupam 91% dos assentos, o que representa maioria absoluta na Assembleia Nacional. Estas eleições, marcadas pela grande abstenção de eleitores, foram boicotadas por boa parte da oposição (O GLOBO, 2020).

As **sanções impostas por Washington (X3)** vêm afetando gravemente a população venezuelana. Um relatório do Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica (CELAG) estima que, só entre 2013 e 2017, as sanções contra o país causaram um prejuízo de 350 bilhões de dólares. Pelo fato de ser extremamente dependente da produção de petróleo, o país depende da importação de um grande rol de produtos, como alimentos e medicamentos.

Devido aos embargos, as instituições financeiras americanas passaram a não aceitar pagamentos em dólar provenientes da Venezuela, o que conseqüentemente leva a uma escassez generalizada de produtos de primeira necessidade (ANGELO, 2019).

O **apoio iraniano à Venezuela (X4)** é muito importante para a sobrevivência do regime de Nicolás Maduro. Irã e Venezuela, ambos fundadores da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), têm laços de longa data e, embora os preços baixos do petróleo normalmente os colocassem em competição, fatores domésticos e internacionais - como a queda na produção de petróleo da Venezuela e as campanhas de pressão dos EUA contra ambos - tornam a parceria mais atraente. Hoje, os dois países estão mais próximos do que nunca e, enfrentando os embargos estadunidenses, o Irã tem atracado navios carregados de combustível, alimentos e medicamentos em costas venezuelanas (GOZZER, 2019).

O governo russo também tem sido fundamental na preservação do regime de Maduro, apesar de anos de intensa pressão doméstica e internacional em favor de uma transição democrática. A Rússia de Vladimir Putin forneceu ao regime inestimável influência diplomática e econômica à Venezuela. Com as sanções norte-americanas, a petroleira russa Rosneft acabou vendendo seus ativos venezuelanos diretamente para uma empresa estatal russa. Como resultado, Putin tem autoridade sobre as ações anteriores da *joint venture* da Rosneft com a PDVSA. A **influência russa na Venezuela (X5)**, portanto, continuará sendo uma variável chave na crise venezuelana nos próximos anos, especialmente no setor petrolífero, com direitos legais a ativos de alto valor e uma grande participação na governança futura da Venezuela (GOLDWYN; CLABOUGH, 2020).

Atualmente a China tem se destacado como uma força econômica e geopolítica na região da América Latina, e sua influência não é muito transparente e nem orientada para o mercado, e nenhum país sentiu mais as conseqüências do que a Venezuela. Por meio de empréstimos e investimentos diretos, a China injetou recursos na Venezuela que já ultrapassam a marca de 60 bilhões de dólares. A **influência chinesa na Venezuela (X6)** decorre do plano do presidente Xi Jinping de estender a influência chinesa internacionalmente. O país aproveitou uma Venezuela em colapso e sem dinheiro para assinar acordos financeiros unilaterais. As questões que preocupam os EUA incluem o fato de a China estar apoiando o regime antidemocrático de Maduro; os investimentos da China não trazem benefícios de longo prazo para a Venezuela; e os empréstimos e acordos chineses não são transparentes e, em alguns casos, ilegítimos (GUEVARA, 2020).

O **Grupo de Lima (X7)**, atualmente formado por 14 países das América, se reúnem em diversas ocasiões para promover a mudança democrática na Venezuela. O Grupo surgiu

após as polêmicas eleições de maio de 2018, nas quais o Grupo de Lima e a Organização dos Estados Americanos (OEA) não reconheceram os resultados da eleição nem a legitimidade do governo de Maduro. Os Estados membros do Grupo de Lima incluem Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Canadá, Guatemala, Costa Rica, Honduras, México, Guiana, Paraguai, Panamá, Santa Lúcia e Peru. Em abril de 2020, o Grupo anunciou seu apoio às propostas dos Estados Unidos e do presidente interino da Venezuela, Juan Guaidó, para criar um governo de transição para tirar a Venezuela de sua crise institucional, econômica e social (AFP, 2020).

A emergência global provocada pela **pandemia da Covid-19 (X8)** não isentou a Venezuela, que agora enfrenta também o desafio de dezenas de milhares de retornados que migraram para países vizinhos e perderam seus empregos devido às medidas de contenção. As agências humanitárias, bem como os governos de Cuba e Irã, fornecem ajuda vital e proteção aos mais vulneráveis. A pandemia da Covid-19 atingiu a Venezuela em meados de março, e o número de casos permaneceu relativamente baixo nos primeiros três meses, mas houve uma aceleração na quantidade de infecções recentemente. O confinamento prolongado e as medidas de quarentena somadas aos embargos comerciais afetaram seriamente a economia do país e os meios de vida das pessoas, exacerbando as necessidades humanitárias existentes (MELLO, 2020).

Já passa de 60 o número de países que não reconhecem o governo de Nicolás Maduro como legítimo e, mesmo após as eleições legislativas de dezembro na Venezuela, estes países devem continuar reconhecendo Juan Guaidó como presidente interino do país (US DEPT OF STATE, 2020). A grande pressão por parte das potências europeias, os Estados Unidos e o Brasil pela saída de Maduro do poder, aumenta as tensões entre estes países, agravando ainda mais a crise política vigente na Venezuela. Este **apoio internacional a Guaidó (X9)**, faz parte do plano da comunidade em manter a pressão sobre o governo Maduro.

Com a eleição do democrata Joe Biden nas últimas **eleições presidenciais estadunidenses (X10)**, há uma chance maior de que ocorram mudanças no regime venezuelano. Isso porque Biden se mostra mais aberto ao diálogo, e não porque defende uma intervenção militar no país ou o estabelecimento de novas sanções. Do outro lado, Maduro também diz que espera abrir “canais de diálogo” com Biden, mas descarta deixar o poder. Espera-se que com Biden, as relações entre os dois países sejam, no mínimo, menos hostis que no período em que Trump ocupava a presidência (COLOMBO, 2020).

Os modestos avanços da Venezuela em controlar a **hiperinflação (X11)** desde 2019 estão sendo eliminados pela escassez crônica de combustível e pela queda da taxa de câmbio, elevando os preços dos alimentos em meio à pandemia do coronavírus, de acordo com

economistas, legisladores e líderes do setor. Depois de atingir um pico em 2018, a inflação desacelerou em 2019 quando Maduro afrouxou os controles econômicos socialistas, ajudando a manter os aumentos mensais dos preços ao consumidor. Mas com a falta de combustível dificultando a entrega de mercadorias e o bolívar desvalorizando cerca de 60% em 2020, os preços ao consumidor voltaram a subir (AFP, 2020). Economistas preveem que a Venezuela termine 2020 com uma inflação de 2.685%, antes de cair para 1.786% em 2021 (FOCUS ECONOMICS, 2020).

A **queda do Produto Interno Bruto (PIB) da Venezuela (X12)** é um problema recorrente ano após ano. O próprio Banco Central do país assumiu que o PIB encolheu 52% desde o início do governo Maduro. Refletindo as novas políticas econômicas do presidente, para 2020, o FMI prevê queda de 10% do PIB e de 5% em 2021, muito longe dos 35% de 2019, o que aponta para uma estabilização, e não uma recuperação a curto ou médio prazo (SINGER, 2020).

A Organização das Nações Unidas (ONU), bem como diversos Estados e outros organismos internacionais acusam o regime de Maduro de inúmeras **violações de direitos humanos (X13)**, incluindo execuções ilegais ou arbitrárias, sequestros, tortura pelas forças de segurança, detenções arbitrárias, condições carcerárias severas e com risco de vida, prisioneiros políticos, relatórios imprecisos, intimidação, corrupção generalizada, tráfico de pessoas, trabalho infantil, interferência ilegal na privacidade e falta de independência judicial. O regime de Maduro restringe a liberdade de expressão e a imprensa, bloqueando rotineiramente os sinais de televisão e outros meios de comunicação privados (US DEPT. OF STATE, 2019).

Desde 2017, a União Europeia sancionou 18 funcionários venezuelanos e impôs um embargo de armas ao país. Essas **medidas restritivas da EU em relação à Venezuela (X14)** têm como objetivo promover uma solução política pacífica e democrática, por meio da realização de eleições presidenciais confiáveis e transparentes, sob observação internacional, que permitam o restabelecimento da democracia, do Estado de Direito e dos direitos humanos na Venezuela. As sanções são flexíveis e reversíveis e foram concebidas de forma a não prejudicar a população venezuelana. Em 2019, foi divulgada uma nova lista de sanções com os nomes de sete membros das forças de segurança do Estado e, em 2020, mais onze foram incluídos na lista. Em resposta, Maduro expulsou a embaixadora da União Europeia da Venezuela (EL DIARIO, 2020).

Desde o governo de Michel Temer, houve um **distanciamento da Venezuela em relação ao Brasil (X15)** e, com a posse de Bolsonaro em 2019, as relações ficaram ainda

mais estremecidas. Com ideologias totalmente opostas, Nicolás Maduro e Jair Bolsonaro trocam fortes críticas um ao outro. Enquanto Maduro é visto como um “ditador” por Bolsonaro, este é tido como “fascista” por Maduro. As relações diplomáticas entre os dois países foram rompidas, apesar de o Brasil ser um dos países que mais recebe refugiados venezuelanos. O alinhamento diplomático brasileiro com a agressividade do então presidente Trump coloca o Brasil na qualidade de *player* secundário na crise, além de atrair para as fronteiras um conflito que pode sair caro futuramente. Desde a posse de Bolsonaro, o Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo trabalha para alinhar a política externa do Brasil ao intervencionismo norte-americano (ALVAREZ, 2020).

Historicamente tensas, as **relações entre a Venezuela e a vizinha Colômbia (X16)** sempre foram marcadas por altos e baixos. Desde janeiro de 2019, as relações diplomáticas entre os dois países foram suspensas, quando Iván Duque reconheceu Guaidó como presidente legítimo. Integrante ativo do Grupo de Lima, a Colômbia apoia o “Marco de Transição Democrática para a Venezuela”, plano estadunidense que propõe que Maduro e Guaidó abram mão do poder, estabelecendo eleições livres e democráticas, em troca da retirada das sanções vigentes (LABORDE, 2020).

Com ideologias políticas muito semelhantes, **Cuba e Venezuela mantém relações (X17)** desde o início do governo Chávez. Ambos sancionados pelos EUA, estima-se que as perdas causadas pelo bloqueio norte-americano a Cuba chegue a monta de mais de 130 bilhões de dólares. É por este e outros motivos que levaram os dois países a se tornarem grandes parceiros econômicos e políticos (MELLO, 2020). A *Control Ciudadano*, organização não governamental venezuelana ligada à oposição dedicada a assuntos militares, afirma que os cubanos possuem forte presença em diversas áreas do governo venezuelano, inclusive dentro das Forças Armadas, fato que desperta a atenção estadunidense (CARRASCO, 2019).

A **crise migratória na Venezuela (X18)** tem se intensificado nos últimos anos. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), até outubro de 2019, mais de 4,5 milhões de venezuelanos já haviam deixado o país ao longo dos últimos cinco anos. A estimativa é que até o final de 2020, mais 2 milhões de pessoas tenham saído da Venezuela, em busca de condições mínimas de sobrevivência, o que representará uma perda de 20% da população total do país, ficando atrás apenas da Síria, que já perdeu mais de 50% de sua população. O principal destino dos refugiados é a vizinha Colômbia, que já recebeu 1,5 milhão de venezuelanos, seguido pelo Peru, com 860 mil, Chile, 371 mil, e Equador, 330 mil (TORRADO, 2019).

Seguindo uma tendência global iniciada pelos Estados Unidos e países europeus, a **onda conservadora (X19)**, caracterizada pelo surgimento de novos governos de direita, chegou a América Latina nesta última década. Países como Argentina, Brasil, Colômbia, Paraguai e Peru são alguns dos muitos que experimentam este fenômeno. Porém, enquanto nos EUA e Europa essa direita tem mais em pauta temas como terrorismo e imigração, na América Latina a direita vê sua grande oportunidade de culpar a esquerda pela desaceleração econômica, escândalos de corrupção e a queda das commodities de exportação (ODILLA, 2018).

A atual crise econômica venezuelana resulta, entre outros fatores, das **políticas populistas venezuelanas (X20)** implementadas pelo governo de Hugo Chávez com a chamada Revolução Bolivariana, caracterizada por forte intervenção estatal na economia, rígido controle de preços e de moeda estrangeira, estatização de empresas e controle da distribuição de alimentos (FRIEDMAN, 2017).

5.1 Identificação das variáveis-chave

Para Godet et al (2008, p.59) “esta fase consiste em identificar as variáveis-chave, isto é, as variáveis essenciais à evolução do sistema.” Esta identificação será feita através de uma classificação direta, por meio do método MICMAC (Matriz de Impactos Cruzados - Multiplicações Aplicadas a uma Classificação), onde “[...] o eixo das abcissas corresponde à dependência e o eixo das ordenadas à influência”, ou seja, linha influencia diretamente coluna. As influências diretas são classificadas em 0 (sem influência direta), 1 (nível de influência direta fraco), 2 (nível de influência direta moderado), 3 (nível de influência direta forte) e P (nível de influência direta potencial).

Quadro 01 – Matriz de Influências Diretas das Variáveis.

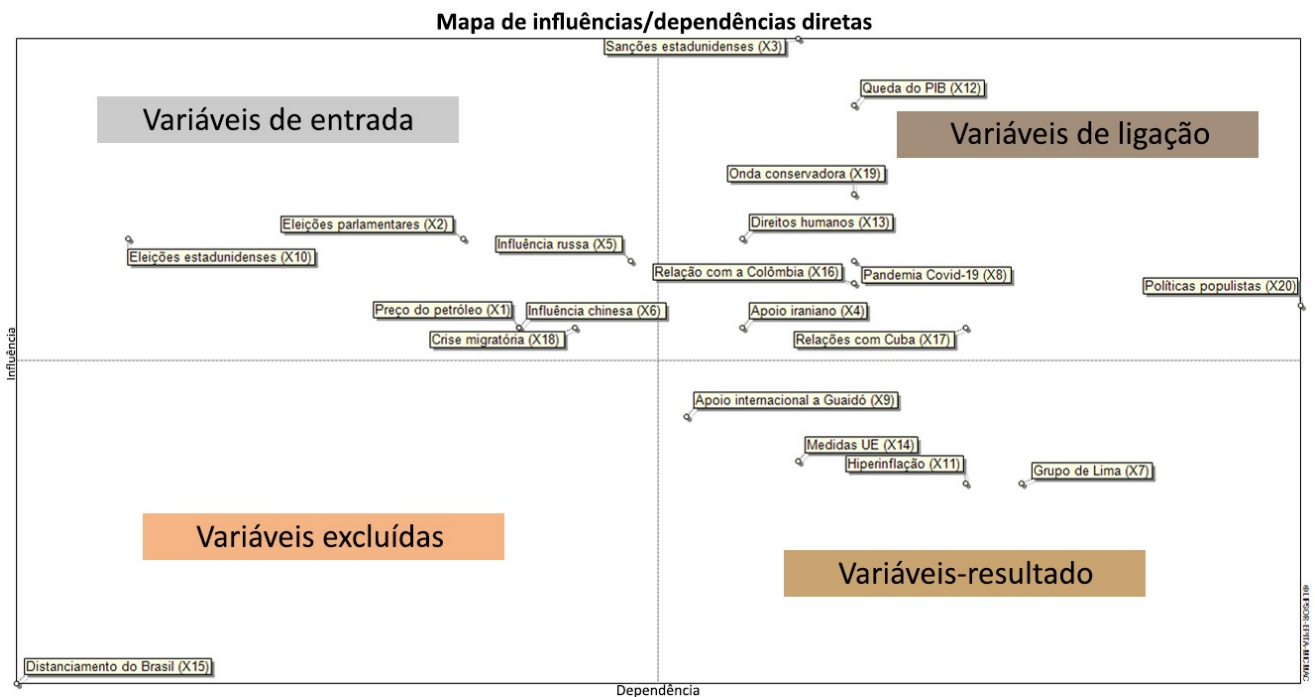
	1: Preço do petróleo (X1)	2: Eleições parlamentares (X2)	3: Sanções estadunidenses (X3)	4: Apoio iraniano (X4)	5: Influência russa (X5)	6: Influência chinesa (X6)	7: Grupo de Lima (X7)	8: Pandemia Covid-19 (X8)	9: Apoio internacional a Guaidó (X9)	10: Eleições estadunidenses (X10)	11: Hiperinflação (X11)	12: Queda do PIB (X12)	13: Direitos humanos (X13)	14: Medidas UE (X14)	15: Distanciamento do Brasil (X15)	16: Relação com a Colômbia (X16)	17: Relações com Cuba (X17)	18: Crise migratória (X18)	19: Onda conservadora (X19)	20: Políticas populistas (X20)
1: Preço do petróleo (X1)	0	1	2	2	2	2	0	1	0	1	3	3	0	2	0	2	2	2	0	0
2: Eleições parlamentares (X2)	1	0	2	1	1	1	2	1	2	1	2	1	1	2	2	2	2	1	1	3
3: Sanções estadunidenses (X3)	3	0	0	2	2	2	2	2	2	1	3	3	1	2	0	2	3	3	2	3
4: Apoio iraniano (X4)	2	1	0	0	1	1	1	1	2	2	2	2	2	1	0	1	1	1	2	2
5: Influência russa (X5)	2	2	2	2	0	2	1	2	2	1	2	1	1	2	0	1	1	0	2	2
6: Influência chinesa (X6)	2	2	2	3	2	0	1	3	1	0	1	0	1	1	0	1	1	0	2	2
7: Grupo de Lima (X7)	0	1	1	1	0	0	0	1	3	0	0	0	1	0	2	2	1	0	3	2
8: Pandemia Covid-19 (X8)	3	1	0	0	1	1	1	0	2	2	2	2	3	2	0	1	3	2	0	2
9: Apoio internacional a Guaidó (X9)	0	1	2	0	1	1	2	0	0	2	1	2	1	1	1	1	1	1	3	0
10: Eleições estadunidenses (X10)	3	1	2	2	1	0	3	2	0	0	1	1	1	2	0	2	2	1	3	2
11: Hiperinflação (X11)	0	1	0	1	2	2	1	1	0	0	0	3	0	0	0	0	1	3	0	3
12: Queda do PIB (X12)	1	2	1	3	2	2	2	3	0	0	3	0	1	2	1	2	2	3	2	3
13: Direitos humanos (X13)	1	1	2	2	2	1	2	2	1	1	1	0	0	1	1	2	1	3	2	3
14: Medidas UE (X14)	0	1	1	1	2	2	1	1	1	0	0	2	1	0	0	1	1	1	1	2
15: Distanciamento do Brasil (X15)	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0
16: Relação com a Colômbia (X16)	1	1	3	1	1	1	2	2	3	0	2	1	2	2	1	0	0	1	2	1
17: Relações com Cuba (X17)	1	2	2	1	1	1	1	3	1	1	2	0	2	2	1	1	0	0	1	2
18: Crise migratória (X18)	0	0	0	2	0	0	3	2	1	1	1	3	3	1	0	3	2	0	1	2
19: Onda conservadora (X19)	1	2	2	1	1	1	3	1	1	2	0	0	2	3	3	3	2	1	0	2
20: Políticas populistas (X20)	1	1	3	1	2	2	1	0	2	0	3	3	2	0	1	1	3	0	0	0

© IUPERJ-EPITA-MICMAC

Fonte: elaboração do autor, com auxílio do software MICMAC, 2020.

Com a verificação e minimização das divergências, a atribuição de pesos relacionais entre as variáveis torna possível que o software MICMAC gere o mapa de influências e dependências diretas entre as variáveis, conforme a seguir.

Gráfico 01 – Influências e dependências diretas entre as variáveis.



De acordo com Godet et al (2008, p.60), “cada variável comporta um indicador de influência e um indicador de dependência. O seu posicionamento no plano permite distinguir cinco tipos particulares.” As variáveis de entrada caracterizam-se por ser muito influentes e pouco dependentes, sendo as tais condicionantes do sistema estudado, por isso são alvo de ações prioritárias. As variáveis de ligação são muito influentes e muito dependentes, e são consideradas muito instáveis, com potencial de transformar toda a dinâmica do sistema. Variáveis-resultado são pouco influentes e muito dependentes, e resultado dos impactos de outras variáveis sobre elas. As variáveis de pelotão não são suficientemente influentes ou dependentes, portanto não é possível ter uma conclusão sobre seu papel no sistema. Nesta análise, não foi identificada a presença de variáveis de pelotão. Finalmente, as variáveis excluídas são aquelas que não são consideradas significativamente importantes a ponto de gerar grandes mudanças no sistema.

6 JOGO DE ATORES

Uma das principais etapas na construção dos cenários prospectivos é a análise do jogo de atores. A partir do método MACTOR (Método de ACTores, Objectivos, Relações de

força), é possível avaliar as relações de força existentes entre esses agentes, com a identificação das divergências e convergências referentes aos desafios e objetivos associados. “A partir desta análise, o objetivo da utilização do método é fornecer a um determinado ator formas de apoio à decisão para a implementação da sua política de alianças e de conflitos.” (GODET et al, 2008, p. 63). Por meio da construção da tabela de análise do jogo dos atores, que consiste na avaliação da atuação de cada ator sob as variáveis-chaves - considerando as variáveis apresentadas e as excluídas previamente -, que resultará na tabela de estratégias dos atores, onde serão avaliadas as estratégias que podem ser tomadas por cada um dos atores. Será atribuído o valor 0, caso o ator não tenha influência sobre a variável, e 1, caso o ator tenha influência sobre a variável.

Quadro 02 – Matriz de influências dos atores sobre as variáveis.

	Preço do petróleo (X1)	Eleições parlam. (X2)	Sanções EUA (X3)	Apoio iraniano (X4)	Influência russa (X5)	Influência chinesa (X6)	Grupo de Lima (X7)	Pandemia Covid-19 (X8)	Apoio inter. Guaidó (X9)	Eleições EUA (X10)	Hiperinflação (x11)	Queda do PIB (X12)	Direitos hum. (X13)	União Europ. (X14)	Distanci am. Brasil (X15)	Rel.Colômbia (X16)	Relações com Cuba (X17)	Crise mig. (X18)	Onda cons. (X19)	Políticas pop. (X20)	Influência
Venezuela (A1)	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	15
EUA (A2)	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	10
Brasil (A3)	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	5
Rússia (A4)	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	6
China (A5)	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6
Colômbia (A6)	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	5
Irã (A7)	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Cuba (A8)	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6
Dependência	5	6	4	2	3	2	3	3	4	1	1	2	1	2	2	2	4	3	3	4	

Fonte: elaboração do autor, 2020.

Percebe-se pela tabela acima que o ator de maior influência, ou principal motor para o problema em questão, é a própria Venezuela, sabendo que ela é o epicentro da crise. Em seguida, consideram-se os Estados Unidos como um importante ator, afinal é a maior potência mundial, presente e influente em diversos temas do cenário internacional, pressionando fortemente a Venezuela. Há também outros atores relevantes, por exemplo, Rússia, China e Cuba. Da mesma forma, as variáveis mais dependentes são as eleições parlamentares da Venezuela, o preço do petróleo, as sanções estadunidenses, o apoio internacional a Juan Guaidó, as relações com Cuba e as políticas populistas.

A tabela a seguir indicará o nível de força entre os atores. Cinco são as possibilidades de valores que foram atribuídos. Quanto maior for o valor atribuído à determinada relação entre atores, maior é a força exercida. As influências são classificadas em 0 (pouca ou nenhuma influência sobre outro ator), 1 (o ator pode influenciar, com limitações, os processos do outro ator), 2 (o ator pode influenciar a execução dos projetos do outro ator), 3 (o ator

influencia o cumprimento dos objetivos do outro ator), e 4 (o ator influencia a existência do outro ator). A matriz de influências diretas dos atores é representada a seguir.

Quadro 03 – Matriz de influências diretas de atores sobre atores

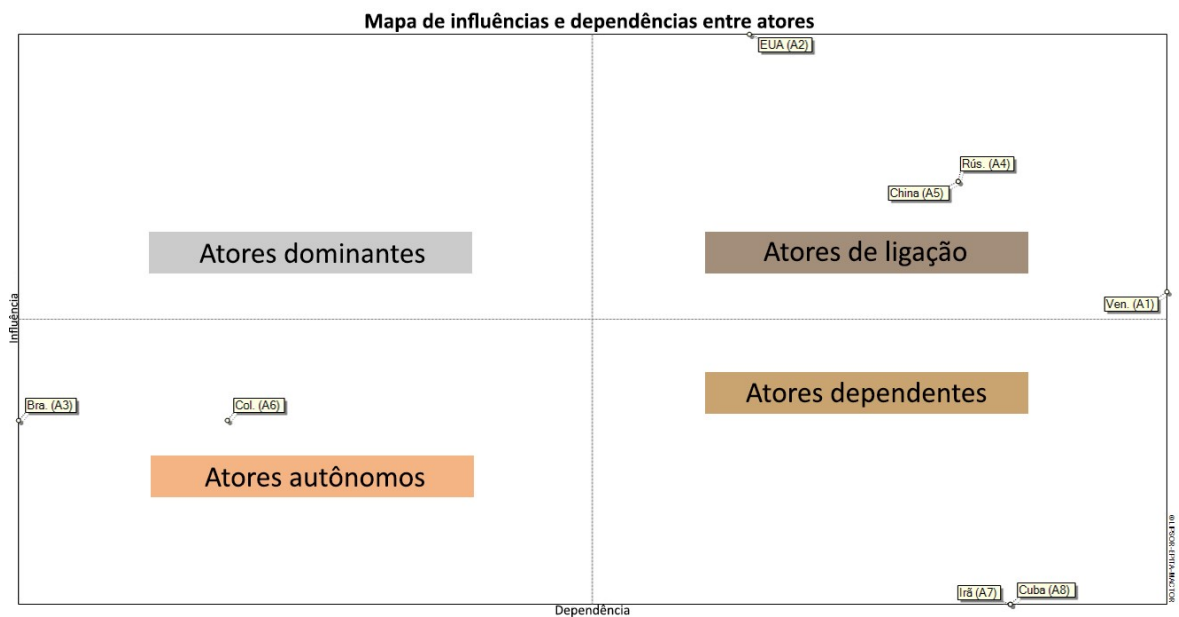
MDI	Ven. (A1)	EUA (A2)	Bra. (A3)	Rús. (A4)	China (A5)	Col. (A6)	Irã (A7)	Cuba (A8)
Ven. (A1)	0	1	1	2	2	1	2	2
EUA (A2)	3	0	3	2	2	3	3	3
Bra. (A3)	1	1	0	1	1	1	1	1
Rús. (A4)	2	2	1	0	2	1	1	1
China (A5)	2	2	1	2	0	2	1	1
Col. (A6)	1	1	1	1	1	0	1	1
Irã (A7)	2	1	0	1	1	0	0	1
Cuba (A8)	2	1	0	1	1	0	1	0

© LIPSOR-EPTA-MACTOR

Fonte: elaboração do autor, com auxílio do software MACTOR, 2020.

Para a elaboração do quadro 03, utilizou-se o software MACTOR, especializado na análise dos jogos de atores, que segundo Godet et al (2008, p.63) “procura avaliar as relações de força entre atores e estudar suas convergências e divergências”. Por resultado gerou-se o gráfico 02, representado a seguir:

Gráfico 02 – Mapa de influências e dependências entre atores



Fonte: elaboração do autor, gerado pelo software MACTOR, 2020.

No gráfico 02, verificou-se a existência de quatro indicadores, responsáveis por distinguir os atores estudados. Segundo Godet et al (2008), atores dominantes possuem muita influência, porém pouca dependência: nesta análise não nenhum. Atores de ligação exercem alta influência e dependência: Venezuela, Rússia, China e EUA. Atores dependentes destacam-se pela alta dependência e pela baixa influência: Irã e Cuba. Atores autônomos são pouco influentes e dependentes para modificar a dinâmica das relações entre atores: Brasil e Colômbia. Nesta próxima etapa, será realizada a análise das intersecções, para melhor indicação e visualização dos objetivos, problemas e meios de ação entre os atores das linhas e os das colunas.

Entre os principais objetivos da **Venezuela (A1)**, está o de superar a crise econômica, humanitária e social que se arrasta no país por mais de sete anos. Porém, enfrenta problemas como o embargo econômico, bloqueio financeiro internacional, hiperinflação e os repetidos resultados negativos do Produto Interno Bruto (PIB). Seus meios de enfrentamento: afrouxamento das políticas econômicas socialistas e aliança com governos ideologicamente semelhantes e sob sanções econômicas. A Venezuela busca formas de diálogo com os **EUA (A2)**, embora o país não esteja aberto a nenhuma outra opção que não seja a saída do líder chavista do poder, que mantém pulso firme contra o imperialismo norte-americano, mantendo estreitos laços com países que compartilham do mesmo pensamento. Os EUA são movidos pelos interesses por petróleo e riquezas naturais. Uns dos principais objetivos das sanções contra a Venezuela estão o enfraquecimento do governo Maduro, por meio da pressão econômica. Estas sanções, no entanto, tendem a ser cada vez menos efetivas, uma vez que o país cria novos métodos de burlar estas sanções.

A Venezuela busca reestabelecer as relações diplomáticas e econômicas com seu vizinho, o **Brasil (A3)**. No entanto, o Brasil com seu governo de caráter extremamente direitista e uma política de alinhamento automático aos EUA, esta aproximação entre os dois países parece muito longe de acontecer. A política brasileira de distanciamento diplomático da Venezuela tem por objetivo pressionar o governo Maduro para uma transição pacífica e democrática de governo. No entanto, a rivalidade de Maduro e Bolsonaro pode dar início a um conflito que pode custar caro para o Brasil futuramente.

A Venezuela mantém boas relações com a **Rússia (A4)**, sendo seu maior objetivo o comércio, em especial, de petróleo. Desta forma, o país consegue atrair mais divisas e empréstimos, melhorar sua situação econômica no curto a médio prazo. Porém, a dificuldade da Venezuela em cumprir com seus pagamentos pode gerar problemas futuros nas relações entre os dois. O principal objetivo da Rússia para com a Venezuela é econômico. Enquanto a

Rússia fornece empréstimos, combustível, alimentos e medicamentos, a Venezuela dá em troca seu petróleo. No entanto, a dívida venezuelana com a Rússia é grande e pode gerar problemas futuros.

Assim como com a Rússia, o maior principal objetivo do fortalecimento das relações da Venezuela com a **China (A5)** é claramente o retorno financeiro proveniente do comércio. No entanto, a dívida da Venezuela com a China é ainda maior que a russa, constituindo-se também como um possível problema futuro. A China busca satisfazer sua grande demanda por petróleo por meio de financiamentos, empréstimos e investimentos concedidos ao país, porém teme uma transição para um governo que não reconhecerá parte da dívida.

A Venezuela também busca reestabelecer o diálogo com a **Colômbia (A6)**, porém com Iván Duque, líder conservador na presidência do país, essa possibilidade também parece muito distante. Além disso, a Venezuela vê a forte aliança colombiana com os EUA como uma ameaça. Os dois países têm o histórico de altos e baixos em suas relações. A Colômbia, seguindo os passos de seu maior aliado, os EUA, mantém a pressão política sobre a Venezuela, objetivando uma transição democrática no país.

Os objetivos da Venezuela para com o **Irã (A7)** também são fundamentalmente econômicos, além da ajuda humanitária. Além disso, o Irã também é sancionado e contra tudo que os EUA são a favor. Burlando as sanções econômicas, os países têm conseguido se ajudar mutuamente. No entanto, cada vez mais navios carregados de suprimentos provenientes do Irã vêm sendo interceptados pelos EUA. Os principais objetivos do Irã e sua parceria com a Venezuela envolvem principalmente o comércio do petróleo e a expansão de sua influência sobre o continente. Porém, os embargos econômicos americanos são um problema nessa relação.

As relações entre Venezuela e **Cuba (A8)** são de longa data, e também se baseiam no comércio do petróleo em troca de, entre outras coisas, serviços profissionais, médicos, professores e técnicos. No entanto, as severas sanções impostas dificultam o comércio e a ajuda humanitária entre ambos, sanções estas que são consideradas ilegais em meio à pandemia, e têm sido extensivamente denunciadas no âmbito da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (AFP, 2020). A influência de Cuba também envolve diversos setores da sociedade venezuelana, o que representa um fortalecimento do modelo socialista na região.

Um dos principais atores do presente sistema, os EUA (A2) consolidam-se como maior potência mundial atualmente, atuando como um dos principais players em diversos temas das relações internacionais, em boa parte das vezes motivados por interesses próprios. Além disso, possui vasta gama de países aliados, muitos deles extremamente dependentes,

que tendem a seguir e apoiar as decisões dos EUA incondicionalmente. No entanto, a ascensão de novas potências mundiais como a China, além das potências regionais, tende a lentamente diminuir o poder hegemônico norte-americano.

Com relação ao Brasil (A3), os EUA mantêm o país muito dependente, em especial na área do comércio e exportações de commodities. Os EUA utilizam o Brasil como aliado na questão da Venezuela, e utiliza esta aliança para manter sua influência no continente sul-americano. Durante o governo Trump, houve uma forte aproximação entre os dois países, principalmente a partir da eleição de Bolsonaro, que deu início a uma política de alinhamento aos EUA, apoiando a pressão política e econômica americana exercida sobre a Venezuela.

Historicamente rivais, os EUA e a Rússia (A4) têm basicamente os mesmos interesses sobre a Venezuela. No entanto, na visão americana, suas ideologias políticas opostas fazem da Rússia uma ameaça no continente americano. Desde 2014, os EUA mantêm a Rússia isolada do Ocidente, em represália pela anexação da Crimeia pela Rússia e, nos últimos anos, as sanções aumentaram após o Congresso americano propor novas medidas contra a Rússia por sua interferência nas eleições americanas de 2016 (BBC, 2019). As relações de Rússia e Estados Unidos sempre foram de altos e baixos, especialmente devido à disputa ideológica que se iniciou após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Os EUA, como potência hegemônica, vem perdendo seu espaço nos últimos anos para a China (A5), hoje segunda maior economia mundial, que também se consolidou como um dos principais *players* do cenário internacional. A influência chinesa no continente sul-americano e na Venezuela também é vista como uma ameaça pelos EUA, muito pelo fato também de possuírem ideologias divergentes. Ainda, existe uma guerra comercial em curso, com os EUA impondo diversas barreiras ao comércio com a China (BBC, 2019). China e EUA são, no entanto, grandes parceiros comerciais, embora possuam ideais políticos e governamentais opostos. A China busca expandir sua influência sobre a América Latina como forma de se opor e ameaçar a hegemonia estadunidense.

Assim como o Brasil, os EUA utilizam a Colômbia (A6) como meio de expandir sua influência no subcontinente, e como uma porta de entrada para a Venezuela, fortalecendo seus laços com o governo Duque. A Colômbia e os EUA mantêm uma amizade de longa data, sendo este último o maior parceiro comercial da Colômbia na atualidade, cooperando também em assuntos de segurança e combate ao narcotráfico. Os EUA consideram a Colômbia como parceiro chave nos esforços para a retomada da democracia venezuelana, tendo investido mais 200 milhões de dólares em auxílio (US DEPT OF STATE, 2020).

Desde o final da década de 1970, os EUA vêm impondo sanções cada vez mais agressivas ao Irã (A7), que após a Revolução Iraniana, se distanciou do ocidente. Estas sanções visam influenciar as políticas do Irã, o qual possui um programa de enriquecimento de urânio que causa muito temor aos governos ocidentais. Os EUA já acusaram o Irã de interferir nas eleições presidenciais de 2016 (CHEREM, 2020).

O embargo comercial dos EUA a Cuba (A8) remonta aos anos 1950, durante o governo Batista. Desde então, o embargo foi sendo cada vez mais endurecido e seu principal objetivo alegado é fazer Cuba avançar para a democratização e respeito aos direitos humanos (PIEPER, 2020). As relações entre os dois nunca foram muito amistosas ao longo de sua história, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, na qual houve uma escalada de tensão histórica. Desde então, os EUA fecharam suas portas para Cuba.

O Brasil (A3), como potência regional, tem grande poder de influência na região, e suas decisões são, na maioria das vezes, apoiadas pelos demais países vizinhos. Ambos integrantes dos BRICS, Brasil e Rússia (A4) são grandes parceiros econômicos, porém com alianças internacionais opostas. Em discordância ao Brasil, a Rússia defende que os venezuelanos tenham o direito de resolver a atual crise constitucionalmente e sem a intervenção de outros Estados (ANSA, 2019).

Apesar de ser o maior parceiro econômico brasileiro atualmente, o Brasil não concorda com o fato de a China (A5) apoiar o governo Maduro. A China já foi muito mais próxima do Brasil em governos anteriores, politicamente falando. Bolsonaro tem uma inegável aversão à China, a qual acusa, especialmente os filhos do presidente, de tentarem ameaçar as relações entre os dois países. No entanto, seu interesse por matéria-prima e o interesse brasileiro por produtos acabados são responsáveis por manter seu forte fluxo comercial (CHADE, 2020).

Com ideologias semelhantes, o objetivo de pressionar politicamente a Venezuela pela saída de Maduro do poder é uma característica convergente entre os governos de Brasil e Colômbia (A6). Já as relações Brasil-Irã (A7) remontam a inícios do século XX e se tornaram mais fortes durante o governo Lula. No entanto, em janeiro de 2020, o Brasil apoiou um ataque ordenado pelo presidente Donald Trump que resultou na morte do general iraniano Qasem Soleimani, levando o Irã a cortar relações com o Brasil (DESIDERI, 2020).

O Brasil manteve boas relações diplomáticas com Cuba (A8) nos anos de governo petista. Com a chegada de Bolsonaro e suas imposições sobre o Programa Mais Médicos, estas relações se esfriaram, levando Cuba a romper o acordo de cooperação com o Brasil. No

entanto, é provável que esse distanciamento seja passageiro, pois há um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais que unem os dois países (JUCÁ, 2020).

A presença da Rússia (A4) na América Latina reúne diversos objetivos que vão desde ganhos econômicos a influência política. Sua grande desvantagem é a forte presença norte-americana na região. Sua aliança com a China (A5) é uma clara resposta a um inimigo em comum: os EUA. A Rússia foi sancionada pelos EUA em 2014 e fortaleceu as medidas a partir de 2016, o que levou a Rússia a se aproximar ainda mais da China, que também sofre com as barreiras comerciais sobre seus produtos. Esta aproximação resultou num crescimento do comércio sem precedentes na história dos dois países, tendo a China se tornado a maior parceira comercial da Rússia (BBC, 2019).

A Rússia não está de acordo com a decisão do presidente Iván Duque da Colômbia (A6) em reconhecer Juan Guaidó como presidente interino da Venezuela. A Colômbia teme a presença militar russa na região, reiterando que mobilizações ou incursões militares em apoio ao governo Maduro põem em risco a redemocratização e a normalidade constitucional da Venezuela, sendo uma ameaça à paz, segurança e estabilidade da região (ACOSTA, 2019).

A Rússia é considerada um aliado tático do Irã (A7), mas não um parceiro estratégico devido a seus diferentes objetivos e visões. Porém, seus objetivos para com a Venezuela especificamente são convergentes (EGOROV, 2020). A Rússia mantém laços estreitos com Cuba (A8) há mais de 60 anos e, por meio de empréstimos e financiamentos, utiliza-se da abertura econômica e política de Cuba como porta de entrada para a região caribenha (AFP, 2019). Além disso, ambos já compartilharam do mesmo sistema econômico no passado e, embora os subsídios da antiga União Soviética tenham findado, Cuba ainda mantém forte parceria com a atual Federação Russa, a qual investe altas somas de dinheiro e exerce grande influência sobre o país.

A China (A5), como segunda maior potência econômica mundial, busca expandir suas relações comerciais e diplomáticas com cada vez mais países, fortalecendo sua economia e seu poder de influência global. A China firmou uma série de acordos bilaterais com a Colômbia (A6) recentemente, acordos estes que, por ora, abrangem apenas o comércio. No entanto, esta é mais uma porta que abre para a China no continente sul-americano (MIRANDA, 2019).

A China recentemente elaborou, juntamente ao Irã (A7), uma parceria econômica e de segurança, que ampliará a presença chinesa sobre diversos setores do país, em troca do fornecimento de petróleo. Esta é uma parceria estratégica para expandir não só seus interesses, mas também enfrentar os Estados Unidos (FASSIHI; MEYERS, 2020).

China e Cuba mantêm relações diplomáticas há mais de 60 anos, cooperando em diversos setores como energia, agricultura e medicina. Além disso, a China se opõe aos esforços norte-americanos de usar o antiterrorismo como forma de impor sanções e pressionar Cuba politicamente (GRANMA, 2020).

A Colômbia (A6) é um dos principais atores e influi sobre diversas variáveis do sistema em estudo. O país não vê com bons olhos a relação do Irã (A7) com a Venezuela, inclusive acusando-a recentemente de tentar adquirir mísseis do Irã (KAMM, 2020). A Colômbia exerce uma pressão estratégica sobre Cuba (A8), objetivando criar as condições para a saída de Maduro do poder, pressionando o governo cubano a extraditar guerrilheiros do ELN (Exército de Libertação Nacional), cuja principal facção está hoje na Venezuela e unida às FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) (O GLOBO, 2019). O governo cubano acusou recentemente a Colômbia de estar facilitando o caminho das sanções americanas contra eles, ao os incluírem na lista de países que não cooperam totalmente na luta contra o terrorismo (AFP, 2020).

O Irã (A7) tem sido bastante relevante no sistema em estudo devido à sua grande aproximação da Venezuela. Em recente diálogo almejando o fortalecimento da aliança entre Irã e Cuba (A8), o ministro das relações exteriores iraniano referiu-se à pressão estadunidense sobre o Irã e Cuba como “terrorismo econômico”, prometendo cooperar em diversas áreas, especialmente energia, ciência e tecnologia (AFP, 2020).

6.1 Identificação dos desafios estratégicos e objetivos associados

Após as análises feitas anteriormente, é possível elencar os desafios estratégicos e os objetivos associados a estes.

Quadro 04 – Desafios estratégicos e objetivos associados

Desafios estratégicos	Objetivos associados
Negociações para uma transição democrática de governo na Venezuela	1. Negociar um acordo com Juan Guaidó e Nicolás Maduro para que ambos abram mão do poder; 2. Suspensão das sanções econômicas e bloqueio financeiro internacional.
Cooperação e ajuda humanitária	3. Apoiar a Venezuela por meio de relações comerciais, investimentos e financiamentos; 4. Oferecer ajuda humanitária à população pobre e menos favorecida.
Plano econômico para retomada da economia venezuelana	5. Privatização de empresas; 6. Redução dos gastos públicos.

Fonte: elaboração do autor

A partir dos desafios estratégicos, os dados podem ser organizados em uma matriz e serão diferenciadas as convergências e divergências entre os atores e os desafios. A pontuação explicitada na matriz se dará da seguinte forma: (+1) caso o ator seja favorável ao objetivo, (-1) se houver discordância do ator com o objetivo, e (0) se o ator for neutro em relação ao objetivo.

Quadro 05 – Atores em relação aos objetivos

	O1	O2	O3	O4	O5	O6
A1	-1	+1	+1	+1	-1	+1
A2	+1	+1	0	0	+1	0
A3	+1	+1	+1	+1	+1	0
A4	0	+1	+1	+1	+1	0
A5	0	+1	+1	+1	+1	0
A6	+1	+1	0	+1	+1	0
A7	0	+1	+1	+1	+1	0
A8	-1	+1	+1	+1	-1	-1

Fonte: elaboração do autor

A partir da tabela anterior é possível elaborar uma nova tabela em que o cruzamento de dados entre os atores mostrará seu grau de convergência ou divergência em relação aos

objetivos. Caso um ator tenha se posicionado neutro (0) em relação a algum objetivo, não haverá, portanto, divergência ou convergência entre eles.

Quadro 06 – Convergência e divergência entre os objetivos dos atores

		Venezuela (A1)	EUA (A2)	Brasil (A3)	Rússia (A4)	China (A5)	Colômbia (A6)	Irã (A7)	Cuba (A8)
Venezuela (A1)	Convergência		1	3	3	3	2	3	5
	Divergência		2	2	1	1	2	1	1
EUA (A2)	Convergência	1		3	2	2	3	2	1
	Divergência	2		0	0	0	0	0	2
Brasil (A3)	Convergência	3	3		4	4	4	4	3
	Divergência	2	0		0	0	0	0	2
Rússia (A4)	Convergência	3	2	4		4	3	4	3
	Divergência	1	0	0		0	0	0	1
China (A5)	Convergência	3	2	4	4		3	4	3
	Divergência	1	0	0	0		0	0	1
Colômbia (A6)	Convergência	2	3	4	3	3		3	2
	Divergência	2	0	0	0	0		0	2
Irã (A7)	Convergência	3	2	4	4	4	3		3
	Divergência	1	0	0	0	0	0		1
Cuba (A8)	Convergência	5	1	3	3	3	2	3	
	Divergência	1	2	2	1	1	2	1	

Fonte: elaboração do autor

6.2 Análise do jogo de atores

A partir da análise de dependência e/ou influência entre os atores e entre atores e objetivos, evidencia-se a predominância de duas questões complexas: países que pressionam politicamente e economicamente a Venezuela para uma transição democrática de governo, e países que fazem justamente o contrário: apoiam politicamente e economicamente o governo. Em seguida, destacam-se os problemas internos da Venezuela: a crise política e a recessão econômica que se arrasta por vários anos. Tais problemas não serão fáceis de ser resolvidos, e exigirão tanto a cooperação da Venezuela, quanto a cooperação dos demais países, sejam eles aliados ou não. Válido também destacar a indiferença dos EUA para boa parte dos objetivos traçados, seja por sua grande aversão ao regime venezuelano como também por não ter uma opinião formada sobre o assunto.

Outro ponto de destaque são as poucas divergências apresentadas entre os objetivos dos atores, o que indica que é de comum anseio que a maioria das questões sejam resolvidas para o sucesso de todos. Importante ressaltar também as poucas discordâncias dos atores em relação aos objetivos, ou seja, os objetivos poucas vezes se mostraram contrários ao que se deseja pelos atores apresentados. Logo, pode-se concluir que atingi-los é benéfico para a maior parte dos envolvidos, salvo em casos específicos como, por exemplo, a negociação de um acordo em que Maduro e Guaidó abram mão do poder, o qual é um ponto de discordância para a Venezuela de Maduro.

Em síntese, os dados apresentados permitem que interpretações mais precisas possam ser feitas a respeito dos objetivos traçados, dos principais atores envolvidos e das principais variáveis para análise do cenário. O jogo dos atores oferece uma gama de dados e análises que permitem uma interpretação bastante abrangente e precisa dos dados destacados.

7 CENÁRIOS

Para Godet et al (2008, p.46), “o método dos cenários visa construir representações dos futuros possíveis, bem como das sequências de acontecimentos que a eles conduzem.” O principal objetivo de tais representações é mostrar as tendências de peso e as sementes de descontinuidade referentes ao contexto geral. Desta forma, é possível conhecer os múltiplos futuros possíveis, analisar a interdependência que relaciona os elementos em estudo e a possibilidade de identificação de problemas que, em métodos menos abrangentes, poderiam ser simplesmente ignorados.

A última etapa deste trabalho tem como objetivo traçar, por meio de análises dos componentes previamente indicados, cenários que indiquem as prospecções futuras acerca do tema abordado. Em cada cenário, será indicada uma imagem futura geral sobre a situação da Venezuela em um período de 10 anos a partir de 2021.

A análise será dividida em quatro cenários que levam em consideração as variáveis e suas relevâncias, assim como os atores e as sementes de futuro já indicadas anteriormente. Desse modo, os cenários são: Maduro continua no poder e a crise se agrava; Maduro e Guaidó deixam o poder, iniciando uma transição democrática; os militares ou outro líder chavista assume o poder; uma intervenção militar externa ocorre, com a saída de Maduro, gerando uma tensão entre os países favoráveis e contrários a ele.

7.1 Manutenção do *status quo*

Neste cenário, apesar dos esforços do presidente americano Joe Biden em negociar uma saída pacífica, Maduro se recusa a deixar o poder, aprofundando a crise em curso. Os Estados Unidos aprovarão o *Status* de Proteção Temporária (TPS) para venezuelanos, porém mantendo as sanções correntes e inclusive impondo novas. Enquanto Maduro continua com suas políticas chavistas, aliadas a repressão, as constantes violações de direitos humanos e o envolvimento em atividades criminosas, a Venezuela mergulha cada vez mais na recessão

econômica e segue internacionalmente isolada. Com a pandemia da Covid-19 e a baixa dos preços do petróleo, o país se aproxima cada vez mais do *status* de Estado falido.

A continuidade de Maduro no poder, no entanto, dependerá muito de suas alianças externas. O país tenderá a tornar-se cada vez mais dependente das vendas de petróleo para a Rússia e China, e provavelmente não conseguirá pagar grande parte de sua dívida a seus credores. Com isso, estes países expandirão sua influência sobre a Venezuela, reivindicando seus direitos sobre o petróleo e outros ativos, atingindo assim diversas áreas da sociedade venezuelana, incluindo a gestão econômica. A atividade destes países dentro da Venezuela possivelmente irá provocar uma ligeira melhora econômica, o que abrirá espaço para Maduro continuar com sua agenda de esquerda fortemente marcada pelo socialismo, aumentando seu apoio a políticos de esquerda e grupos criminosos, além de uma aproximação histórica aos governos de Cuba e Irã, que também passarão a exercer forte influência política, econômica e social dentro do país.

Desta forma, a Venezuela poderá adotar uma postura mais radical em relação aos seus vizinhos, servindo como um canal de influência russa, chinesa, cubana e iraniana na região. No entanto, entre a esquerda mais ideológica, provocaria uma percepção muito negativa de seu regime, perdendo a credibilidade como líder de pensamento. Uma possível detenção ou assassinato de Juan Guaidó provocaria intensa agitação social entre a oposição e os grupos aliados a Maduro. As relações com o Brasil e a Colômbia continuariam frágeis com a manutenção de governos de direita e cada vez mais tensas com a crise migratória que continuaria a ritmo incessante. O Grupo de Lima, preocupado com a crescente crise migratória e os fluxos humanos, passaria a adotar uma posição mais firme e agressiva para com a Venezuela, sendo fortemente apoiados pelos Estados Unidos em suas decisões.

7.2 Transição democrática sem intervenção externa

Neste cenário, o presidente Biden, juntamente a boa parte da comunidade internacional, consegue chegar a um consenso em que Guaidó e Maduro se afastam do poder, cumprindo com as diretrizes do Marco de Transição Temporária proposto de Departamento de Estado Americano, estabelecendo-se um Conselho de Estado, que selecionará um membro para atuar como presidente interino. Desta forma, eleições livres e justas poderiam ser realizadas sob supervisão da comunidade internacional, que permitiria que tanto Guaidó quanto Maduro fossem elegíveis para concorrer à presidência.

Com isso, os Estados Unidos suspenderiam progressivamente as sanções contra o governo, à PDVSA e ao setor petrolífero, e a comunidade internacional forneceria apoio financeiro, econômico e de governança para enfrentar a crise humanitária. Além disso, todos os prisioneiros políticos seriam libertos, e todas as forças estrangeiras de segurança deixariam imediatamente o país. Nesse cenário, à medida que as condições do país melhoram, alguns migrantes venezuelanos podem iniciar seu retorno. As relações diplomáticas com Brasil e Colômbia e seus demais vizinhos são reestabelecidas, enquanto o comércio e os fluxos de capitais aumentam gradativamente. Uma comissão, com o objetivo de criar soluções de longo prazo para reerguer a economia e refinar a dívida é criada.

Os Estados Unidos, a União Europeia e o Grupo de Lima precisam trabalhar em conjunto com outros países, pressionando o governo Maduro com sanções, acusações e isolamento diplomático para que este cenário se torne possível. Os grupos opositoristas também precisam se unir, organizando protestos massivos pelas ruas, a fim de manter a pressão interna. Este provavelmente seria o melhor dos cenários no longo prazo.

7.3 Mudança de regime com incerteza de transição democrática e sem intervenção externa

Neste cenário, um colapso na governança ocorreria, iniciando um curto período de violência e agitação social, seguido de uma restauração da ordem por parte dos militares ou por outro líder chavista. O colapso provavelmente seria desencadeado, em parte, pela crise econômica que atualmente se desdobra no país, e também pela forte pressão interna e externa pela destituição de Maduro. Além disso, à medida que Maduro se torna cada vez mais violento e repressivo, oficiais de alto escalão enxergam a remoção do presidente como o ato mais lógico, e a promessa de suspensão de certas sanções se torna cada vez mais atraente. O assassinato de Maduro ou outro líder importante também poderia ser um evento desencadeador.

Para que esse cenário se concretizasse, provavelmente o governo cubano teria que “permitir” que tal golpe ocorresse quando houver chegado a hora. Dada sua considerável influência militar e na sociedade venezuelana, seria improvável que eles não percebessem uma tentativa de golpe contra Maduro à medida que ela se desenvolvesse. Da mesma forma, os russos e chineses teriam que se abster de impedir a remoção do líder. Este cenário pressupõe que os EUA não interviriam extensivamente enquanto a violência se desenrolasse,

e que essa violência não se torne tão fora de controle a ponto de o governo não conseguir administrar.

Um cenário assim seria bastante incerto, uma vez que não se saberia quem substituiria Maduro, nem o quão dispostos estariam em negociar com a oposição e a comunidade internacional para facilitar uma transição democrática em troca de imunidade. De toda forma, este novo regime seria frágil, com facções chavistas, grupos armados e o governo provisório disputando o poder e a legitimidade. Este cenário também traz consigo o risco do país continuar afundado, principalmente se a transição não se consolidar e as forças democráticas forem incapazes de manter o monopólio do uso legítimo da força.

Com uma possível morte de Maduro e diversas facções disputando o poder, o próprio estado poderia se desintegrar totalmente ou em algumas áreas específicas. Isso abriria espaço para a ingerência de grupos armados e governos estrangeiros, como Cuba e Rússia, os quais explorariam os recursos naturais do país e violariam os direitos humanos. O número de refugiados gerado por este cenário seria provavelmente maior do que para os dois cenários anteriormente analisados, mas menor, a longo prazo, do que o cenário a ser discutido a seguir.

7.4 Intervenção externa

Neste cenário, os Estados Unidos e a comunidade internacional falham em chegar a um acordo com Maduro, que se recusa veementemente a deixar posto, enquanto a crise financeira e humanitária do país chega a um ponto irreversível. Esgotadas todas as opções, os Estados Unidos se articulam juntamente ao Grupo de Lima e com a aprovação da comunidade internacional, e decidem intervir militarmente na Venezuela. Uma incursão armada no país seria uma operação grande e duradoura, com uma longa fase de estabilização e reconstrução pós-conflito. Com um extenso território e uma população de 33 milhões de habitantes, a Venezuela é a quinta maior força militar da América Latina, com 343 mil integrantes, segundo o ranking *Global Firepower* (2020). Importante lembrar ainda que a maioria destes militares é leal a Maduro.

Os Estados Unidos deverão utilizar tanto a terra quanto o mar para invadir o país e, devido à sua extensão territorial, esta operação seria extremamente cara e complexa, e certamente levaria vários meses até que Maduro fosse capturado ou morto. Além disso, as tropas americanas teriam que desarmar o aparato de inteligência e enfrentar grupos paramilitares e milícias cubanas e russas, além de facções criminosas ligadas ao narcotráfico. É muito provável que haverá destruição, mortes, uma onda massiva de refugiados e

deslocados internos, além de uma posterior reconstrução trabalhosa, devido ao tamanho do país.

Contudo, é difícil antever o resultado desse cenário, uma vez que não há como saber se com a captura ou morte de Maduro o conflito vá terminar. Na melhor das hipóteses, os militares venezuelanos se renderiam, e as milícias e as forças cubanas e russas ficariam fora do caminho. No entanto, o mais provável é que as forças americanas derrotem rapidamente os militares venezuelanos, mas então se veriam frente a uma nova guerra com ex-membros do exército venezuelano, grupos paramilitares e milicianos, apoiados por Cuba e Rússia. Nessas condições, os militares dos Estados Unidos teriam de permanecer na Venezuela por anos até que um novo governo pudesse manter a ordem. Este seria o pior cenário possível, mas também o menos provável de ocorrer. De um lado haveria morte e destruição nos esforços de estabilizar a Venezuela, e do outro, um grande gasto de dinheiro, tempo e vidas humanas, que provavelmente prejudicaria a posição dos Estados Unidos na América Latina e reacenderia o antiamericanismo na região, além de prejudicar sua relação com outros países do globo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco mais de vinte anos após a eleição de Hugo Chávez, a Venezuela encontra-se mergulhada em uma crise econômica, política e humanitária que se aproxima cada vez mais do ponto de insustentabilidade. A partir das bibliografias consultadas ao longo desta revisão, entende-se que a atual crise na Venezuela tem suas origens com a implantação das políticas populistas no governo Hugo Chávez, as quais Maduro deu prosseguimento. A queda dos preços do petróleo nos últimos anos é também um fato que impulsionou muito a crise, devido à Venezuela possuir uma economia pouco diversificada e extremamente dependente da produção e exportação da commodity. Porém, evidencia-se a existência de fatores externos que também são responsáveis pelo agravamento do problema, como o boicote externo, com embargos comerciais e bloqueio financeiro internacional.

Dentre os atores mais relevantes apresentados, destaca-se a importância dos Estados Unidos como potência imperialista, o qual possui influência sobre a maioria dos outros principais atores e variáveis, sendo uma peça-chave para o desenvolvimento da crise. Neste sentido, torna-se evidente a existência de países que apoiam as decisões dos Estados Unidos em manter a pressão sobre a Venezuela para que Maduro se retire voluntariamente do poder, enquanto há países contrários a esta pressão que respeitam a legitimidade de Maduro como

presidente do país, acusando os Estados Unidos e seus aliados de estarem tomando parte em um conflito que não lhes diz respeito.

Está muito claro o interesse norte-americano neste conflito: sua sede por petróleo. Enquanto Maduro mantém sua posição anti-imperialista e independentista, os Estados Unidos sonham com a transição para um governo que tenha menos destes traços, e que possa abrir espaço para que possam negociar e explorar o seu tão precioso petróleo; e para que esta transição ocorra, coloca todas as cartas sobre a mesa. Por outro lado, nota-se a presença de atores com os mesmos interesses dos americanos, mas que se beneficiam da simpatia do líder chavista: Rússia e China, por exemplo.

Por meio da identificação das variáveis-chave e do jogo de atores, o Método de Godet permitiu elaborar os cenários prospectivos, que nos provou a existência de dois extremos: um cenário mais favorável e um cenário catastrófico. No melhor dos cenários, Maduro e Guaidó deixariam pacificamente o poder, abrindo espaço para eleições livres e justas, e uma posterior restauração da ordem e do bem-estar dos cidadãos. No pior cenário, os Estados Unidos interviriam militarmente no país, iniciando um longo conflito que possivelmente geraria milhares de mortes e refugiados, com alta probabilidade de gerar ainda mais problemas para o frágil país.

Seja como for, é evidente que a melhor saída para a crise venezuelana é por meio do diálogo e da diplomacia. Mais cedo ou mais tarde, a Venezuela terá de passar por uma negociação. Se Maduro realmente se recusar a deixar o cargo de todas as formas, o que é o mais provável no momento, terá de adotar uma postura totalmente diferente da atual. Deverá deixar de lado a figura de líder autoritário e repressivo, abrindo espaço para a liberdade de expressão, a não censura e prezar por uma maior transparência governamental. Mais ainda, deverá mudar seu pensamento econômico, munindo-se de uma equipe renovada que possa trazer, de fato, progresso através da abertura econômica, da desburocratização, desestatização e o estabelecimento de relações comerciais com mais países do globo, independentemente da ideologia. Ou seja, será necessária a reestruturação da economia, abrindo-se para a ajuda humanitária, a tomada de crédito e o investimento direto externo, que serão também fundamentais para a urgente necessidade de promoção da diversificação econômica.

Maduro precisa deixar de ver os Estados Unidos como um inimigo, e enxergá-los como uma parceria que pode trazer mais vantagens do que desvantagens, ainda mais no atual momento em que Joe Biden assume o controle da Casa Branca, se mostrando muito mais aberto ao diálogo do que seu predecessor. Certamente o processo um processo de negociação entre estes países não será simples e rápido, mas deverá contar com uma real vontade das

partes em dialogar e realizar concessões, além da necessidade de um moderador imparcial. Maduro precisa entender também que existe uma crise humanitária em curso, com milhões de cidadãos do seu país sofrendo pela falta de recursos básicos como comida, água, energia e medicamentos. Se ele quiser mesmo se manter no poder, que ao menos olhe para baixo e veja no que seus atos se transformaram.

9 REFERÊNCIAS

ACNUR. **Número de refugiados e migrantes da Venezuela ultrapassa 4 milhões, segundo o ACNUR e a OIM.** 2019. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2019/06/07/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-ultrapassa-4-milhoes-segundo-o-acnur-e-a-oim/>> Acessado em 02 julho 2019

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Colômbia apoia plano dos EUA para crise na Venezuela.** 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/31/interna_internacional,1134415/colombia-apoia-plano-dos-eua-para-crise-na-venezuela.shtml> Acesso em 17 out. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Grupo de Lima apoia plano de governo de transição dos EUA para Venezuela.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/02/interna_internacional,1135207/grupo-lima-apoia-plano-de-governo-de-transicao-dos-eua-para-venezuela.shtml> Acesso em 22 out. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Venezuelanos lidam com hiperinflação em meio à pandemia.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/04/venezuelanos-lidam-com-hiperinflacao-em-meio-a-pandemia.ghtml>> Acesso em 23 out. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Cuba e Venezuela denunciam na Opas sanções “ilegais” dos Estados Unidos em meio à pandemia.** 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/cuba-e-venezuela-denunciam-na-opas-sancoes-ilegais-dos-estados-unidos-em-meio-a-pandemia/>> Acesso em 03 nov. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **'Cuba sempre poderá contar com a Rússia', diz primeiro-ministro russo em Havana.** 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/cuba-sempre-podera-contar-com-russia-diz-primeiro-ministro-russo-em-havana-23993662>> Acesso em 20 nov. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Cuba e Irã reforçam aliança frente a sanções americanas.** 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/11/06/interna_internacional,1202120/cuba-e-ira-reforcam-alianca-frente-a-sancoes-americanas.shtml> Acesso em 07 dez. 2020.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Cuba acusa Colômbia de abrir caminho para sanções dos EUA à ilha.** 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/06/01/interna_internacional,1152588/cuba-acusa-colombia-de-abrir-caminho-para-sancoes-dos-eua-a-ilha.shtml> Acesso em 07 dez. 2020.

AGÊNCIA ANSA. **Brasil e Rússia discordam sobre Venezuela em reunião dos Brics.** 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/07/brasil-e-russia-discordam-sobre-venezuela-em-reuniao-dos-brics.html>> Acesso em 10 nov. 2020.

ALVAREZ, Isabel. **Venezuela busca restaurar relações diplomáticas com o Brasil.** 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2020/08/venezuela-busca-restaurar-relacoes-diplomaticas-com-o-brasil.html>> Acesso em 25 out. 2020.

ANGELO, Tiago. **Sanções dos EUA contra a Venezuela causaram perda de 3 milhões de empregos em 5 anos.** 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/02/18/sancoes-dos-eua-contr-a-venezuela-causaram-perda-de-3-milhoes-de-empregos-em-5-anos>> Acesso em 20 out. 2020.

AZEVEDO, Reinaldo. **Lula: “Chávez é meu amigo pessoal”.** 2007. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/lula-8220-chavez-e-meu-amigo-pessoal-8221/>> Acesso em 29 out. 2020.

BAZZO, Gabriela; FRANCO, Marina. **Mercosul suspende direitos políticos da Venezuela por 'ruptura da ordem democrática'.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/mercosul-suspende-direitos-politicos-da-venezuela-por-ruptura-da-ordem-democratica.ghtml>> Acesso em 12 out. 2020.

BBC. **Crise na Venezuela: quem é Juan Guaidó, presidente autoproclamado que quer retirar Nicolás Maduro do poder?** 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47406269>> Acessado em 03 julho 2019

BBC. **Como aproximação 'sem precedentes' entre Rússia e China materializa pesadelo dos EUA.** 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48561016>> Acesso em 18 nov. 2020.

BERMÚDEZ, Ángel. **Maduro vs Guaidó: qué se juega Cuba en la crisis política de Venezuela.** 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-47221184>> Acesso em 20 out. 2020.

BERWICK, Angus; NAVA, Mariela. **'Missed his moment': opposition corruption scandal undermines Venezuela's Guaido.** 2019. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-venezuela-politics-analysis-idUSKBN1Y72BB>> Acesso em 15 nov. 2020.

BRASIL DE FATO. **Nove razões pelas quais os EUA perseguem o governo da Venezuela.** 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/02/06/nove-razoas-pelas-quais-os-eua-perseguem-o-governo-da-venezuela>> Acesso em 28 out. 2020

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Doença holandesa e sua neutralização: uma abordagem ricardiana**. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (Organizador). Doença holandesa e indústria. Rio de Janeiro: FGV, 2010a.

CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Breaking News #29: A crise na Venezuela**. 2019. Disponível em: <<http://midias.cebri.org/arquivo/CEBRIBREAKINGNEWS29.pdf>> Acessado em 03 julho 2019

CHADE, Jamil. **Pequim acusa Eduardo Bolsonaro de ameaçar a relação entre Brasil e China**. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/11/24/pequim-acusa-eduardo-bolsonaro-de-ameacar-a-relacao-entre-brasil-e-china.ht>> Acesso em 30 nov. 2020.

CHEREM, Helena. **Irã e Estados Unidos... a Terceira Guerra Mundial?!**. 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ira-estados-unidos/>> Acesso em 10 nov. 2020.

COLOMBO, Sylvia. **Governo Biden surge como possível caminho para pôr fim a regime de Maduro**. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/governo-biden-surge-como-possivel-caminho-para-por-fim-a-regime-de-maduro.shtml>> Acesso em 10 dez. 2020.

CORRALES, Javier. **The House That Chavez Built**. 2013. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2013/03/07/the-house-that-chavez-built/>> Acessado em 02 julho 2019

CORAZZA, Felipe; MESQUITA, Lígia. **Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>> Acesso em 29 out. 2020.

DESIDERI, Leonardo. **Como eram as relações do Brasil com o Irã até agora. E o que mudou com Bolsonaro**. 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/ira-brasil-historia-das-relacoes-diplomaticas-e-o-que-muda-com-bolsonaro/>> Acesso em 13 nov. 2020.

EGOROV, Oleg. **A Rússia é aliada do Irã?**. 2020. Disponível em: <<https://br.rbth.com/estilo-de-vida/83321-russia-aliada-ira-parceria>> Acesso em 30 nov. 2020.

EL DIARIO. **Quiénes son los nuevos sancionados por la Unión Europea en Venezuela**. 2020. Disponível em: <<https://eldiario.com/2020/06/30/quienes-son-los-nuevos-sancionados-por-la-union-europea-en-venezuela/>> Acesso em 25 out. 2020.

FASSIHI, Farnaz; MYERS, Steven Lee. **Desafiando os EUA, China e Irã ficam perto de parceria comercial e militar**. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/desafiando-os-eua-china-ira-ficam-perto-de-parceria-comercial-militar-24530597>> Acesso em 02 dez. 2020.

FOCUS ECONOMICS. **Inflation in Venezuela**. 2020. Disponível em: <<https://www.focus-economics.com/country-indicator/venezuela/inflation#:~:text=Inflation%20in%20Venezuela&text=Meanwhile%2C%20inflation%20dropped%20to%201%2C813,lowest%20print%20since%20February%202018.&text=FocusEconomics%20Consensus%20Forecast%20panelists%20forecast,falling%20to%201%2C786%25%20in%202021.>> Acesso em 23 out. 2020.

FRIEDMAN, Uri. **How Populism Helped Wreck Venezuela**. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/06/venezuela-populism-fail/525321/>> Acessado em 02 julho 2019

GIL, Tamara. **Crise na Venezuela: Quais são os interesses da China no país latino-americano?**. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47477645>> Acesso em 18 out. 2020.

GIRALDI, Renata. **Brasil e Venezuela vão ampliar as relações comerciais, econômicas e industriais, diz Chávez**. 2011. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-11-08/brasil-e-venezuela-va-ampliar-relacoes-comerciais-economicas-e-industriais-diz-chavez>> Acesso em 12 out. 2020.

GODET, Michel; DURANCE, Phillippe. DIAS, Julio. **A perspectiva estratégica para as empresas e os territórios**. IEESF: Lisboa, 2008.

GOLDWYN, David; CLABOUGH, Andrea. **Containing Russian influence in Venezuela**. 2020. Disponível em: <<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/energysource/containing-russian-influence-in-venezuela/>> Acesso em 22 out. 2020.

GOZZER, Stefania. **Por que a crise na Venezuela interessa tanto países como Rússia, China e Turquia**. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47312442>> Acessado em 03 julho 2019

GUEVARA, Cristina. **China's support for the Maduro regime: Enduring or fleeting?**. 2020. Disponível em: <<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/chinas-support-for-the-maduro-regime-enduring-or-fleeting/>> Acesso em 22. out. 2020.

GUIMÓN, Pablo; MANETTO, Francesco. **EUA acusam Maduro de narcotráfico e oferecem 15 milhões de dólares por informações que o levem à prisão**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-26/eua-acusam-maduro-de-narcotrafico-e-oferecem-15-milhoes-de-dolares-por-informacoes-que-levem-a-detencao.html>> Acesso em 16 nov. 2020.

GRANMA DIGITAL. **Acordo entre China e Cuba: gigante asiático fomentará o desenvolvimento socioeconômico da ilha**. 2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Acordo-entre-China-e-Cuba-gigante-asiatico-fomentara-o-desenvolvimento-socioeconomico-da-ilha/6/47795>> Acesso em 05 dez. 2020.

INDEX MUNDI. **Petróleo bruto Brent Preço Mensal - E.U. dólares por barril.** 2020. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/pt/pre%C3%A7os-de-mercado/?mercadoria=petr%C3%B3leo-bruto-brent&meses=360>> Acesso em 20 out. 2020.

JUCÁ, Beatriz. **Com dificuldade para atrair médicos, Governo Bolsonaro prepara a readmissão de cubanos.** 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-15/com-dificuldade-para-atrair-medicos-governo-bolsonaro-prepara-a-readmissao-de-cubanos.html>> Acesso em 13 nov. 2020.

KAMM, Nicholas. **Presidente da Colômbia diz que Venezuela busca obter mísseis com o Irã.** 2020. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/presidente-da-col%C3%B4mbia-diz-que-221652485.html>> Acesso em 06 dez. 2020.

LABORDE, Antonia. **EUA propõem plano de transição política para a Venezuela sem Maduro nem Guaidó.** 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-31/eua-propoe-plano-de-transicao-politica-para-a-venezuela-sem-maduro-nem-guaido.html>> Acesso em 25 out. 2020.

LAMUCCI, Sergio. **FMI estima que inflação na Venezuela vai chegar 10.000.000%.** 2019. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/internacional/6203865/fmi-estima-que-inflacao-na-venezuela-vai-chegar-10000000-em-2019>> Acessado em 02 julho 2019

LISSARDY, Gerardo. **Crise na Venezuela: Por que a presença da Rússia no país sul-americano desafia velhas regras da Guerra Fria.** 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47822319>> Acesso em 12 out. 2020.

MARCIAL, Elaine Coutinho; GRUMBACH, Raul José. **Cenários Prospectivos: como construir um futuro melhor.** 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MELLO, Michele. **Cuba envia 212 médicos à Venezuela para combater o novo coronavírus.** 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/17/cuba-envia-212-medicos-a-venezuela-para-combater-o-novo-coronavirus>> Acesso 23 out. 2020.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Adesão da Venezuela ao Mercosul.** 2020. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/negociacoes-internacionais/206-assuntos/categ-comercio-exterior/sgp-sistema-geral-de-preferencias/1806-sgp-adesao-da-venezuela-ao-mercosul>> Acesso em 29 out. 2020.

MIRANDA, Boris. **A audaciosa aliança da China com a Colômbia, a 'melhor amiga' dos EUA na América Latina.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49482110>> Acesso em 02 dez. 2020.

ODILLA, Fernanda. **Por que especialistas veem 'onda conservadora' na América Latina após disputa no Brasil.** 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/por-que-especialistas-veem-onda-conservadora-na-america-latina-apos-disputa-no-brasil.shtml>> Acesso em 02 nov. 2020.

O GLOBO. **Maduro acusa Bolsonaro de arrastar Brasil para 'conflito armado' contra Venezuela.** 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/maduro-acusa-bolsonaro-de-arrastar-brasil-para-conflito-armado-contra-venezuela-1-24250243>> Acesso em 12 out. 2020.

O GLOBO. **Colômbia e Cuba precisam resolver a disputa sobre o ELN com diplomacia.** 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/colombia-cuba-precisam-resolver-disputa-sobre-eln-com-diplomacia-23998043>> Acesso em 06 dez. 2020.

O GLOBO. **Chavismo obtém 91% dos assentos no Parlamento da Venezuela, em eleições boicotadas por parte da oposição.** 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/chavismo-obtem-91-dos-assentos-no-parlamento-da-venezuela-em-eleicoes-boicotadas-por-parte-da-oposicao-24790541>> Acesso em 11 dez. 2020.

PIEPER, Oliver. **Cuba e EUA: histórico de uma relação de amor e ódio.** 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/cuba-e-eua-hist%C3%B3rico-de-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-de-amor-e-%C3%B3dio/a-54236179>> Acesso em 08 dez. 2020.

PONS, Corina. **Venezuela 2016 inflation hits 800 percent, GDP shrinks 19 percent.** 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-venezuela-economy/venezuela-2016-inflation-hits-800-percent-gdp-shrinks-19-percent-document-idUSKBN154244>> Acesso em 02 julho 2019

PRESSLY, Linda. **Os bastidores da 'Operação Gideon', a fracassada missão suicida para capturar Nicolás Maduro na Venezuela.** 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53786862>> Acesso em 16 nov. 2020.

RIBEIRO, J. M. F. **O método dos cenários de Michel Godet e a prospectiva estratégica.** In J. M. F. Ribeiro (org.). *Prospectiva e cenários: uma breve introdução metodológica.* Lisboa: Departamento de Prospectiva e Planejamento, 1997.

RODRIGUES, Alexandre. **Boicotado por Trump, o Petro, moeda digital da Venezuela, desafia sanções econômicas.** 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/03/30/criptomoeda-petro-maduro-venezuela-trump/>> Acesso em 28 out. 2020.

RUIC, Gabriela. **5 pontos para entender a crise na Venezuela.** 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/5-pontos-para-entender-a-crise-na-venezuela/>> Acessado em 02 julho 2019

SCHARFENBERG, Ewald; LAFUENTE, Javier. **Cuba e Venezuela, uma relação de socialismo e petróleo.** 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480149584_124558.html> Acesso em 20 out. 2020.

SEMANA. **Relaciones Colombia-Venezuela: como perros y gatos.** 2019. Disponível em: <<https://www.semana.com/nacion/articulo/en-los-ultimos-diez-anos-las-relaciones->

bilaterales-entre-colombia-y-venezuela-permanecen-en-constante-crisis/602736/> Acesso em 18 out. 2020.

SINGER, Florantonia. **A geopolítica de um supermercado iraniano em Caracas**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-05/a-geopolitica-de-um-supermercado-iraniano-em-caracas.html>> Acesso em 17 out. 2020.

SINGER, Florantonia. **Venezuela reconhece inflação de 9.500% em 2019**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-02-06/venezuela-reconhece-inflacao-de-9500-em-2019.html>> Acesso em 15 nov. 2020.

SONNELAND, Holly. **U.S. 2020: Joe Biden and Donald Trump on Venezuela**. 2020. Disponível em: <<https://www.as-coa.org/articles/us-2020-joe-biden-and-donald-trump-venezuela>> Acesso em 23 out. 2020.

STRATFOR. **Venezuela's Expensive Friendships**. 2016. Disponível em: <<https://worldview.stratfor.com/article/venezuelas-expensive-friendships>> Acessado em 02 julho 2019

TARVER, Hollis Micheal; FEDERICK, Julia C. **The History of Venezuela**. 1. ed. Greenwood: Santa Barbara, 2005

TARVER, Hollis Micheal; FEDERICK, Julia C.; ANGULO RIVAS, Alfredo. **The History of Venezuela**. 2. ed. Greenwood: Santa Barbara, 2018

THE ECONOMIST. **Os três tipos de desemprego**. 2014. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,os-tres-tipos-de-desemprego,1547286>> Acesso em 07 dez. 2020.

TORRADO, Santiago. **“Venezuela superaria em 2020 o fenômeno migratório sírio”**. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/internacional/1574128387_157435.html> Acesso em 02 nov. 2020.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **U.S. Relations With Venezuela**. 2020. Disponível em: <<https://www.state.gov/u-s-relations-with-venezuela/>> Acesso em 28 out. 2020.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **Colômbia e Estados Unidos: Fortalecendo Nossas Relações**. 2020. Disponível em: <<https://translations.state.gov/2020/01/20/colombia-e-estados-unidos-fortalecendo-nossas-relacoes/>> Acesso em 05 dez. 2020.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **2019 Country Reports on Human Rights Practices: Venezuela**. 2019. Disponível em: <<https://www.state.gov/reports/2019-country-reports-on-human-rights-practices/venezuela/>> Acesso em 25 out. 2020.

VILLA, Rafael Duarte. **Venezuela: mudanças políticas na era Chávez**. Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, p. 153-172, Dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300011&lng=en&nrm=iso> Acesso em 09 dez. 2020.

ZERPA, Fabiola. **Venezuela and Iran Resist U.S. Sanctions With Fuel Flotilla**. 2020. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-09-28/venezuela-and-iran-resist-u-s-sanctions-with-new-fuel-flotilla>> Acesso em 17 out. 2020.